



# **PERFIL DAS LIDERANÇAS JOVENS NAS FILIADAS DA ISP**

---

AMÉRICA LATINA & CARIBE

Português

## Realização:



INSTITUTO  
OBSERVATÓRIO  
SOCIAL

## Apoio:



DGB  
BILDUNGSWERK  
BUND

### FICHA TÉCNICA

**Nome da publicação :** PERFIL DAS LIDERANÇAS JOVENS NAS FILIADAS DA ISP AMÉRICA LATINA E CARIBE

**PRESIDENTE | Dave Prentis**

**SECRETÁRIA GERAL | Rosa Pavanelli**

45, Avenue Voltaire, BP 9, F-01211 | Ferney- Voltaire Cedex, Francia | teléfono : + 33 (0) 4 50 40 64 64

<http://www.world-psi.org> | [psi@world-psi.org](mailto:psi@world-psi.org)

**SECRETÁRIO REGIONAL DA ISP AMÉRICAS | Jocelio Drummond**

Rua da Quitanda, 162 – 4º andar | CEP 01012-010 – São Paulo, SP, Brasil | [psi.interamerica@world-psi.org](mailto:psi.interamerica@world-psi.org)

**COORDENAÇÃO | Elida Rodrigues da Cruz Szurkalo**

**IOS - Lucilene Binsfeld**

**ANALISTA DE PROJETOS INTERNACIONAIS | Flávia Gomes da Silva Nozue**

**PESQUISA E ELABORAÇÃO: IOS – Lilian Rose Arruda, Marina De Mello Couto, Leandro Souza A. Machado**

**COLABORAÇÃO: Geici Maiara Brig, Priscila Santos Da Silva**

**REVISÃO: Lucilene Binsfeld | Lilian Rose Arruda | Marina de Mello Couto**

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: JP Artes Gráficas**

**Tiragens: 10 exemplares**

Esta publicação é parte do projeto “Seguir lutando contra retrocessos, fortalecendo sindicatos na promoção da igualdade de oportunidades e combate à discriminação”, nº PN 2020 2611 0/DGB0014, 2021-2023, em cooperação com DGB Bildungswerk BUND. A produção contou com apoio financeiro do BMZ (Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha) e o conteúdo é de responsabilidade exclusiva da ISP. Sua reprodução completa ou parcial está permitida mediante citação de créditos para a ISP

JANEIRO/2022

## SUMÁRIO

4

Introdução

5

Perfil dos/as  
entrevistados/as

11

Expressões Artísticas  
e Culturais

13

Ação Política e  
Sindical

23

Jovens e o Mercado  
de Trabalho

33

Considerações  
Finais

35

Referências  
Bibliográficas

## Introdução

Este relatório traz os resultados da pesquisa “Perfil das lideranças jovens nas filiadas da ISP Américas. A pesquisa é uma das atividades do projeto executado pela federação em cooperação com a DGB Bildungswerk *“Seguir lutando contra retrocessos, fortalecendo sindicatos na promoção de igualdade de oportunidades e combate à discriminação”* e foi realizada pelo Instituto Observatório Social.

O principal objetivo da investigação é traçar o perfil das lideranças jovens nas entidades filiadas na ISP América Latina e Caribe e conhecer as boas práticas de inclusão e permanência desses jovens nas estruturas sindicais, levantar as pautas e ações prioritárias das juventudes.

Para alcançar este objetivo foi utilizada a metodologia que envolve pesquisa amostral, com questionário online fechado (múltipla escolha) com as lideranças jovens indicadas pelo comitê de jovens da ISP. Foram realizadas também, entrevistas qualitativas, em profundidade, com questionário semiestruturado, com coordenadores/as e/ou representante de cada sub-região da ISP Américas: 2 entrevistadas do Brasil (sub-região Brasil), 1 entrevistado da Colômbia (sub-região Andina), 1 entrevistada da Argentina (sub-região Cone Sul), 1 entrevistado da Guatemala (sub-região América Central) e 1 entrevistada da Jamaica (sub-região Caribe). Exceto entrevista caribenha que foi escolhida aleatoriamente, demais participantes foram entrevistados por serem coordenadores/as de suas sub-regiões.

Para a pesquisa quantitativa, por sua vez, foram realizadas 33 entrevistas com jovens afiliados/as da ISP de diversos países da América Latina e Caribe. As entrevistas foram realizadas em três idiomas, sendo 69% em espanhol, 21% em português e 9% em inglês. As nacionalidades e sindicatos dos/das entrevistados/as estão detalhados no relatório.

Agradecemos à ISP, aos/as coordenadores/as das sub-regiões, agradecimento especial à Coordenadora do Coletivo de Jovens da sub-região América Latina e Caribe que se empenharam para que esta pesquisa acontecesse. Agradecemos à DGB Bildungswerk que possibilitou, mediante parceria com a ISP, a realização desta pesquisa.

# Perfil dos/as entrevistados/as

*Somos sempre o jovem ou o velho de alguém (Pierre Bourdieu)*

*Jovem, jovens, juventude, juventudes*

Iniciamos este texto com as questões: o que é ser jovem? O que é juventude? A noção de juventude é uma construção social e histórica, que não se resume à faixa etária ou desenvolvimento biológico. Para Pierre Bourdieu (1983, p. 112) “o reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias” e “que juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e velhos. As relações entre idade social e idade biológica são muito complexas”.

Governos, institutos de pesquisas e organismos multilaterais utilizam o critério etário para a elaboração e operacionalização de políticas públicas voltadas para essa população. O critério etário varia de país para país, dependendo das condições sociais, culturais e das “políticas públicas vigentes no país em questão” (GUIMARÃES e GRINSPUN, p. 04). A ONU trabalha com a faixa etária de 15 a 24 anos. Na América Latina, por exemplo, o Brasil utiliza a faixa de 15 a 29 anos de idade, a Argentina de 18 a 24 anos, o Chile de 15 a 24 anos; Colômbia de 14 a 28 anos; México de 15 a 29 anos; Peru: 15 a 29 anos; Uruguai de 14 a 29 anos.

Ademais, ao mesmo tempo que fazem parte de uma unidade geracional, há diferenças culturais e desigualdades sociais entre os jovens o que nos leva a considerar o conceito de juventudes. Como ressalta Pais (1990, p. 140):

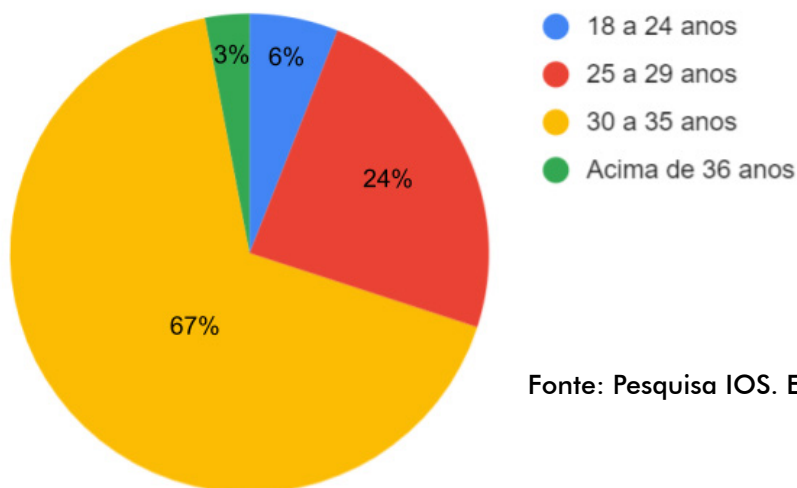
Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também - e principalmente - as *diferenças sociais* que entre eles existem.

A utilização da expressão juventudes favorece a análise da população jovem considerando alguns fatores categóricos: classe social, cor/raça/etnia, gênero/sexo, orientação sexual, grupo social, a despeito de pertencer a uma faixa etária similar.

(GUIMARÃES e GRINSPUN, p. 07).

Neste trabalho os/as jovens pesquisados/as possuem uma categorização etária bem definida: a faixa considerada é de 18 a 35 anos de idade, são jovens trabalhadores e trabalhadoras dos serviços públicos que fazem parte do comitê de jovens da Internacional dos Serviços Públicos (ISP). O gráfico a seguir mostra a distribuição etária dos/das jovens entrevistados/as.

**Gráfico 1 – Idade**



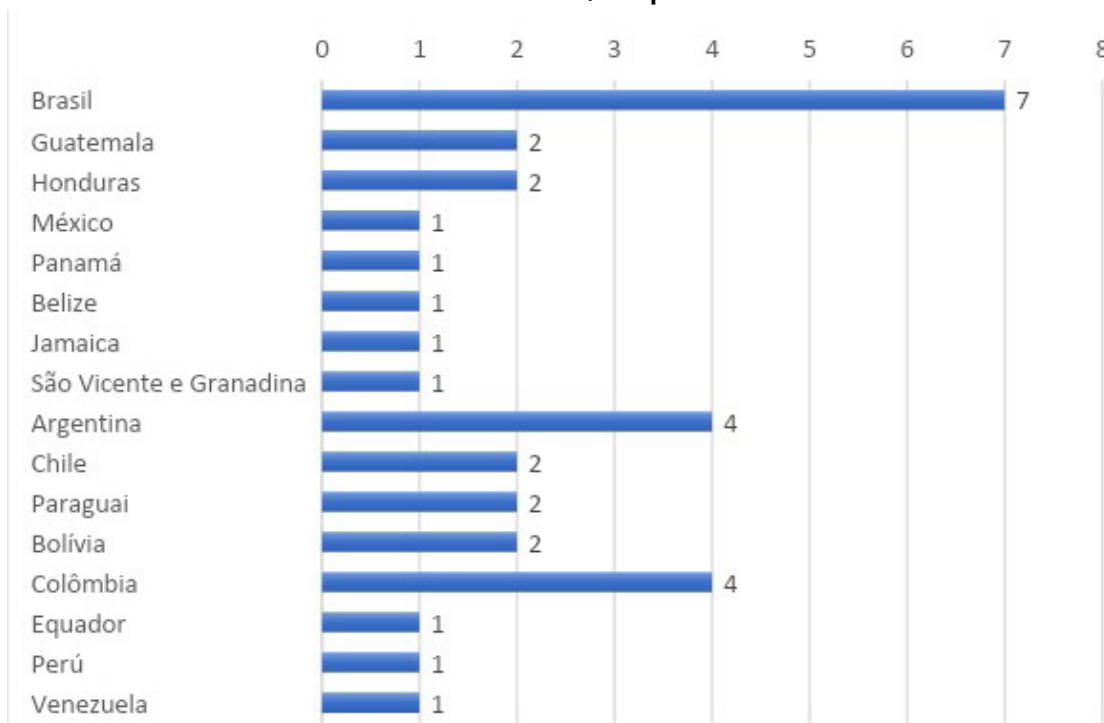
Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Nas entrevistas qualitativas realizadas com representante das sub-regiões, as idades dos participantes foram 1 entrevistada na faixa de 25 a 29 e 5 entrevistados/as na faixa de 30 a 35 anos.

Para além das similaridades etárias, a pesquisa buscou outras informações para compor o perfil dos/das jovens lideranças da ISP como nacionalidade, raça, gênero, orientação sexual, escolaridade, considerando que todos/as entrevistados/as são trabalhadores/as do serviço público, outra condição que os/as assemelha.

O país com maior número de participantes da pesquisa foi o Brasil (7), devido ao maior número de entidades filiadas a ISP, seguido por Argentina – Cone Sul (4) e Colômbia – sub-região Andina (4). No gráfico é possível identificar apenas os países que tiveram representantes na pesquisa.

**Gráfico 2 - Número de entrevistados/as por País**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

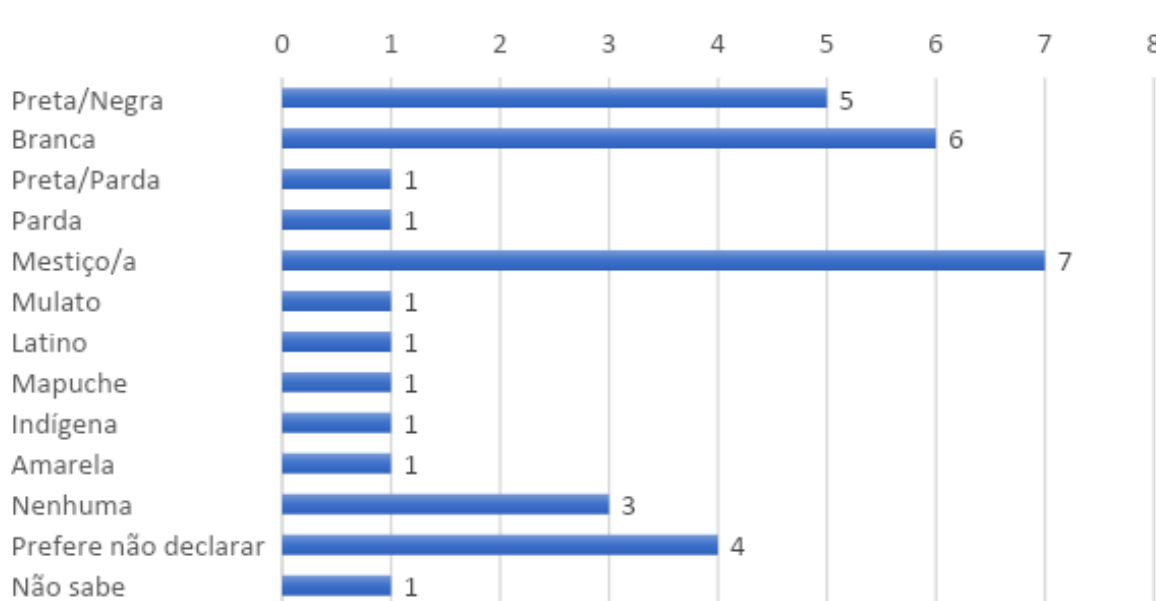
Na pesquisa qualitativa entre representantes das sub-regiões foram entrevistados/as duas brasileiras, uma argentina, um colombiano, um guatemalteco e uma jamaicana.

Na pesquisa quantitativa, questionamos como os/as participantes se identificam em relação à cor, raça e etnia. De acordo com as respostas, a maioria se identifica como mestiço(a) (7), seguido por preto(a)/negro(a) (6) e branco(a) (6), entre coordenadores/as 3 entrevistados/as se autodeclararam brancos/as, 1 mestiço, 2 negras.

É importante ressaltar que muitos não souberam informar ou responderam “nenhuma cor, raça ou etnia”, mostrando que nem todos os países possuem a cultura de autodeclaração/identificação quando se trata desse questionamento, conforme pode ser visto no gráfico. Os critérios de coleta de dados e as especificações étnicas/raciais são diferenciadas entre países, alguns deles não fazem este tipo de levantamento, ademais os critérios de classificação étnico/racial da população elaborados por institutos de pesquisa podem estar desconectados das formas como as pessoas se identificam uma vez que raça/etnia são muito mais que configurações biológicas, são construções sociais e não biológicas<sup>1</sup>. Como explica uma das representantes brasileiras *“até então [minha autodeclaração] era parda, mas com novas definições a respeito disso eu me considero uma negra, não retinta talvez, agora eu estou sem saber onde me enquadrar.”* Neste sentido, optamos por fazer uma pergunta aberta de forma que cada entrevistado/a respondesse livremente.

Se analisarmos as entrevistas quantitativas por sub-região, entre os países da sub-região Cone Sul alguns/mas entrevistados/as preferiram não responder ou disseram não ter raça ou não se considera de nenhuma raça; entre os/as brasileiros/as todos/as se identificaram com alguma cor/raça/etnia; na sub-região Andina um entrevistado/a não soube responder e outro/a entrevistado/a disse nenhuma, na sub-região América Central apenas um entrevistado/a preferiu não responder; na sub-região Caribe todos os entrevistados/as se autodeclararam, embora esta sub-região contou com apenas três representantes.

**Gráfico 3 – Cor/Raça/Etnia**

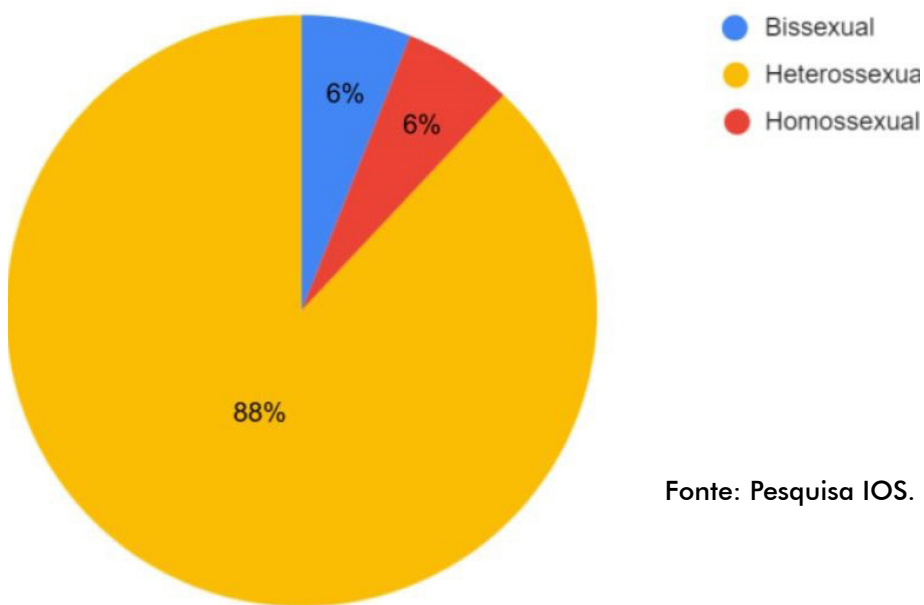


Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

<sup>1</sup>Matéria interessante sobre esta questão ver: ALONSO. L, 2021

Ainda como forma de identificar o perfil dos/das participantes da pesquisa, questionamos nas entrevistas o gênero e a orientação sexual dos entrevistados. Em todas as respostas obtidas os/as participantes se identificaram como homens ou mulheres cisgêneros. Para nos aprofundar no assunto, perguntamos a orientação sexual dos mesmos e o resultado obtido foi: 88% declararam serem heterossexuais, seguido por 6% bissexuais e 6% homossexuais, na entrevista qualitativa todos/as se identificaram como homem ou mulher cisgênero, 1 entrevistado/a se declarou homossexual e o restante heterossexual.

#### Gráfico 4 – Orientação Sexual



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Os/as coordenadores/as das sub-regiões entrevistados/as avaliam a composição de gênero e raça nos quadros dos sindicatos de serviços públicos: a representante brasileira avalia *“na questão de gênero, nas experiências que eu tenho, eu acho experiências bem positivas, no sentido de quantidade e representatividade... Agora de raça não, de raça eu percebo que não há uma grande representatividade, apesar que na maioria, brasileiros, somos negros e pardos, mas não há. Há, mas precisa ser um pouco maior”*.

Para coordenadora da sub-região Brasil a paridade estatutária é uma forma de ampliar a participação de mulheres: *“no geral, vamos lá, a questão de gênero no geral a gente já conseguiu ampliar bastante, porque a central, a gente é da CUT e a gente tem a questão estatutária né, que tem que ser 50 x 50, então se avançou muito enquanto a isso, nas questões de raça, LGBT e jovens, a gente não tem”*; esta entrevistada complementa que em seu sindicato está sendo discutida mudança estatutária para *“ampliar a questão de gênero, raça e LGBT;”* mesmo porque, certas carreiras no serviço público são exercidas por mulheres:

A gente tendo pela questão da economia de cuidado também, uma questão cultural no serviço público, uma questão de educação, saúde, assistência, acaba indo majoritariamente e culturalmente para mulheres esses cargos, esses trabalhos, essas funções, então majoritariamente nós temos mulheres e isso precisa ser refletido dentro dos movimentos, então na questão de gênero nós conseguimos manter por conta da questão estatutária da CUT, porque fraternalmente falando, nós não teríamos 50%.



Coordenador da sub-região Andina tem avaliação semelhante em relação ao seu país (Colômbia) *“em termos de raça há muito pouca participação, realmente, parece que não chama muita atenção e de pronto essas pessoas não se identificam e não participam, é muito baixa [a participação], no tema das mulheres há altíssima participação em todas as esferas sindicais, embora há faltado, creio eu, é que tenham funções mais relevantes”*.

Para coordenadora do Cone Sul está sendo custoso porque são setores novos, tanto de raça como de povos originários, está difícil trabalhar uma representatividade, o comitê de mulheres é mais conhecido, esta entrevistada lembra a importância do papel da ISP nas ações transversais *“Creio que a ISP nos dá uma mão enorme, não só dos jovens e das jovens, mas também com as cotas de gênero, muitas companheiras começaram a participar quando se começou a falar na política de gênero da ISP.”*

Representante do Caribe comenta que em seu país os/as trabalhadores/as dos serviços públicos são predominantemente negros, na questão de gênero as mulheres ainda estão em desvantagem, pois os cargos executivos, inclusive no sindicato, são predominantemente acessados por homens. Contudo, reconhece que o seu sindicato não possui uma política ou uma fórmula para combater as discriminações, ademais avalia que nos cargos executivos, inclusive nos sindicatos, as mulheres estão em desvantagem, o grande desafio seria colocar uma mulher em posição de liderança *“não só porque ela é mulher, mas porque é capaz.”*

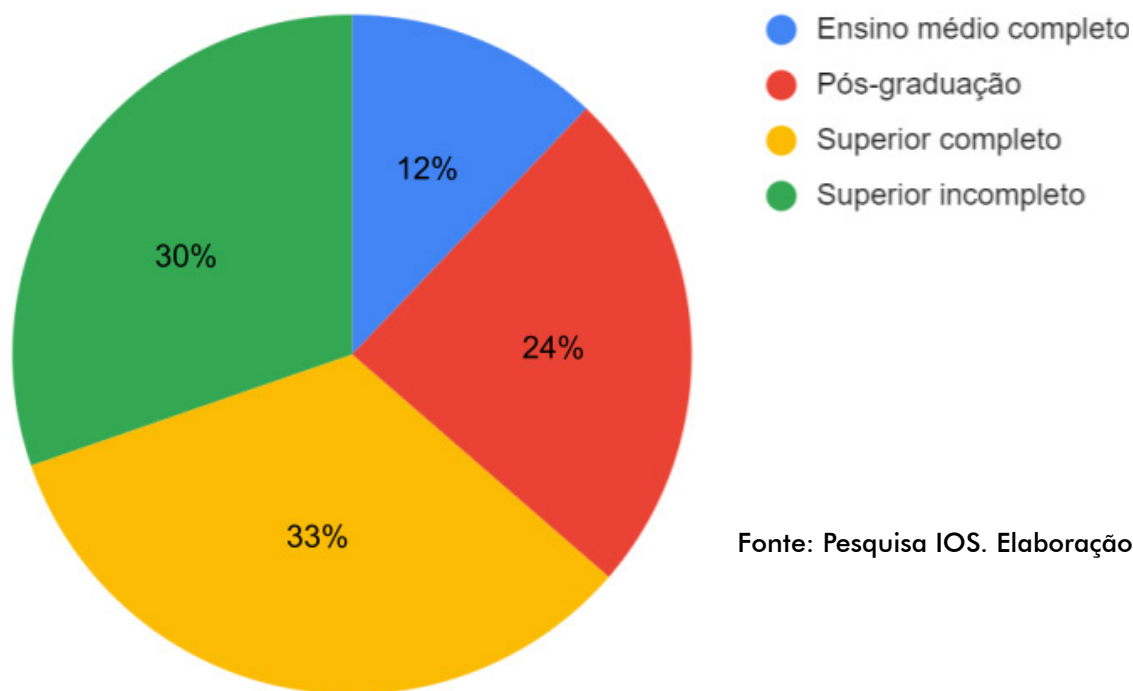
Na pesquisa qualitativa entrevistados/as relatam as ações de seus sindicatos no combate à discriminação racial e de gênero nos locais de trabalho: representante brasileira informa que seu sindicato realiza campanhas pontuais, cartilhas, mas que *“o serviço público tem uma característica que ele é muito pulverizado, os representantes dos trabalhadores estão pulverizados”*. Coordenador da sub-região Andina esclarece que *“propriamente no sindicato, de maneira estatutária ou como prática não [há], mas como fazemos parte da ISP e a ISP tem enfoques diferenciados de raça, gênero e juventudes dentro de nossas instâncias, também temos as pessoas representantes, digamos, femininas, de jovens e da luta contra o racismo.”* Coordenadora brasileira explica *“a gente tem trabalhado bastante com trabalho de receber as denúncias, através de observatórios, diretamente com os diretores... não consegue vencer com a chefia imediata, a gente acaba passando para a questão de gestão, com as chefias das chefias imediatas com os secretários e afins”*.

Representante do Cone Sul esclarece que o seu sindicato de base possui protocolos para atuar, pontualmente de raça, mas muitos protocolos para discriminação de gênero e *“estamos bem capacitados como atuar, a quem recorrer, como manejar a situação, como detectar os casos. Fazemos capacitação da convenção 190 que a Argentina ratificou e também da Lei Micaela contra a violência, o sindicato possui o escritório de igualdade de gênero e oportunidades”*. Outra iniciativa comentada pelo entrevistado da América Central foi a apresentação, em 2019, por um membro da junta diretiva da secretaria de educação e esportes de seu sindicato, da política de zero discriminação por gênero, raça e orientação sexual, esta política já foi aprovada pelo comitê executivo, a iniciativa deve ser levada a conhecimento da assembleia geral. O entrevistado informa que esta política está sendo trabalhada em nível-sub-regional na América Central, México, República Dominicana.

Na pesquisa quantitativa também perguntamos a profissão dos participantes. Por serem jovens trabalhadores/as do serviço público, foi possível identificar 30 profissões diferentes, tendo apenas uma profissão repetida que foi a de advogado(a) e dois participantes que se declararam como estudantes; nas entrevistas qualitativas, entre representantes das sub-regiões, as profissões declaradas foram professora da rede pública, técnico em manejo ambiental, desenhista gráfico, jornalista especialista em recursos humanos; técnica agrícola e analista de projetos.

Com isso, questionamos sobre a escolaridade dos/das participantes, e foi possível identificar que a maioria (63%) ingressaram no ensino superior e 33% declararam ter ensino superior completo. Entre representantes das sub-regiões identificamos 2 entrevistados com ensino médio completo e, de acordo com a regras curriculares locais, com carreira profissional completa, 1 entrevistada com superior completo, 3 entrevistadas com pós-graduação.

### Gráfico 5 - Escolaridade



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

É importante ressaltar que todos/as os/as entrevistados/as possuem pelo menos ensino médio completo e que mais de 1/3 possui superior completo.

## Expressões Artísticas e Culturais

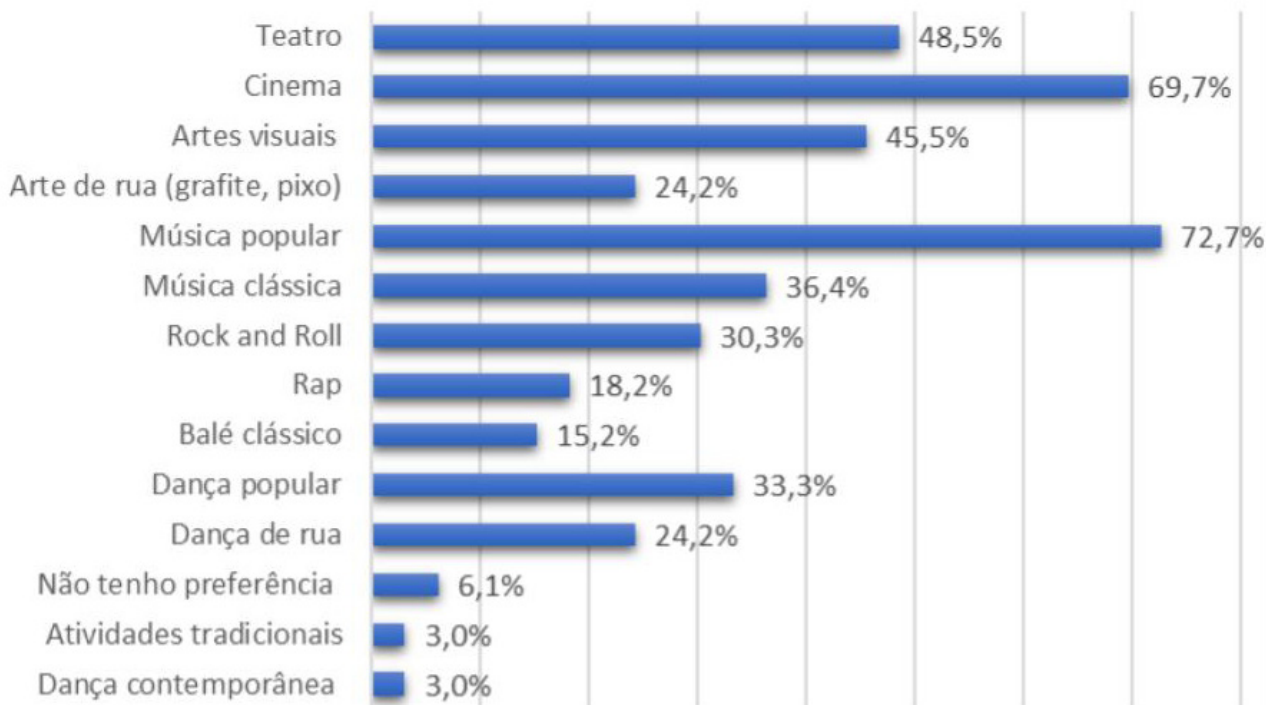
Jovens são consumidores e produtores de cultura, “fazem empréstimos da sociedade e da cultura apresentando-se como protagonistas de uma transformação nas formas diferenciadas de pensar, de sentir e se expressar” (GUIMARÃES e GRINSPUN, p. 05).

Como lembra MARTÍN-BARBERO (2008, p. 12) realidade dos/das jovens do século XXI é permeada de antagonismos: possuem mais acesso à escolarização e informação, mas possuem menos acesso ao emprego e poder; possuem maior aptidão às mudanças produtivas, mas são excluídos dessas mudanças; possuem “grande senso de protagonismo e determinação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito ator de mudanças.”

Ainda para MARTÍN-BARBERO (Ibid. p. 16), a arte, sobretudo a música, é uma forma de organizador social do tempo dos jovens: “a juventude aliou o modo de organizar, ou melhor, de *dar forma* ao amorfo tempo do ócio sem trabalho desdobrando-o *ritmicamente* para erradicar sua chateação intrínseca.”

Indagamos os/as respondentes quais atividades culturais que mais apreciavam. A distribuição das respostas dadas pode ser notada no gráfico 6, entre todas as manifestações prediletas, a que teve maior preferência entre os/as respondentes foi ouvir “Música popular” com 72,7% das menções, atividade seguida de ir ao “Cinema” com 69,7% menções. É interessante notar que as preferências artísticas e culturais dos entrevistados/as não são, necessariamente, produzidas ou desempenhadas por jovens.

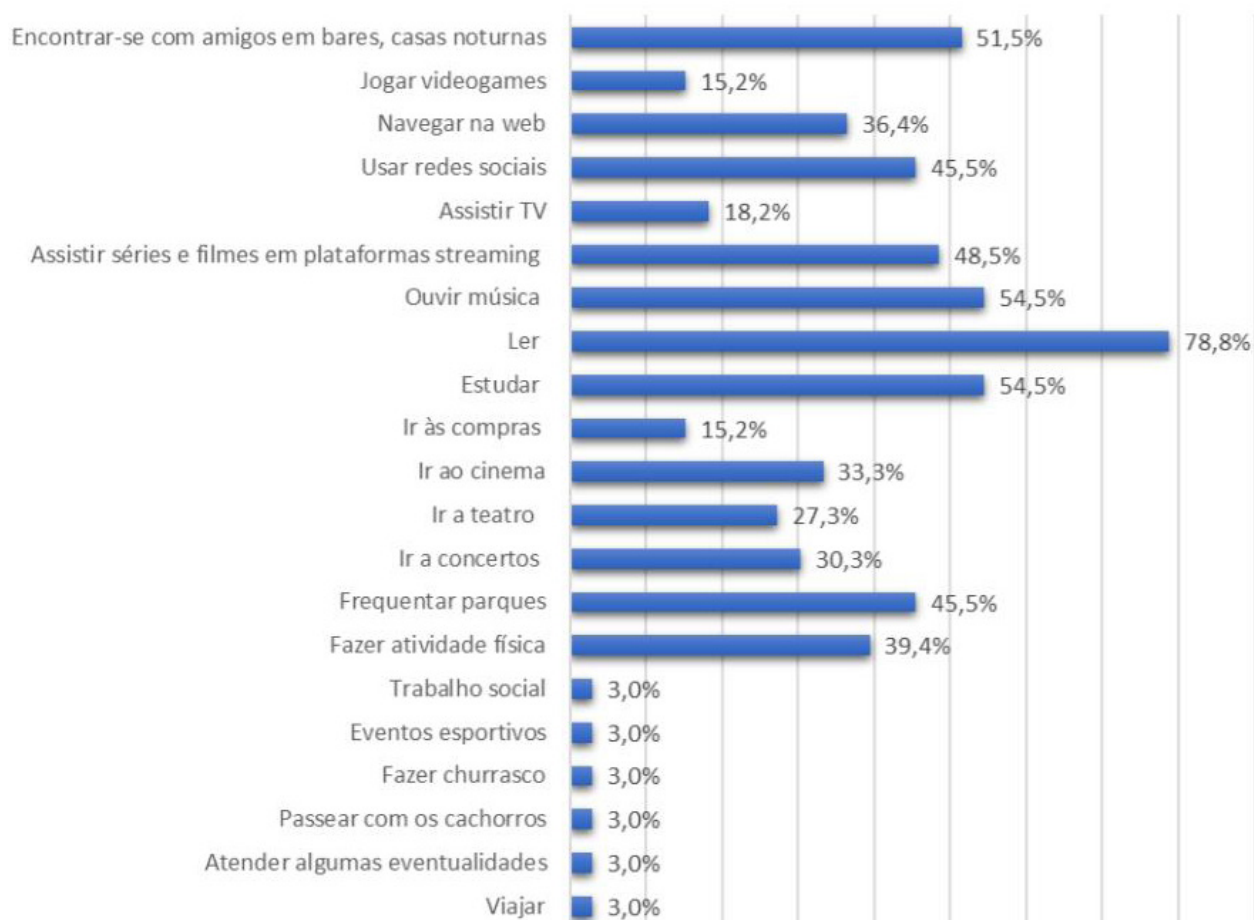
Gráfico 6 – Atividades Culturais que aprecia ou participa



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Em sintonia com a pergunta anterior, pedimos que os/as entrevistados/as informassem o que gostam de fazer nas horas de lazer. Ao contemplar todas as respostas no gráfico 7, percebemos que a opção “Ler” foi a atividade mais citada por 78,8% dos entrevistados/as seguida de outras duas que tiveram o mesmo número de menções, 54,5%, de “Estudar” e “Ouvir Música”. As outras atividades podem ser vistas no gráfico a seguir.

### Gráfico 7 – Atividades nas Horas de Lazer



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Como na pesquisa quantitativa, entre os/as entrevistados/as na pesquisa qualitativa as preferências culturais e artísticas estão mais voltadas para a arte e cultura popular, não necessariamente produzidas por jovens, entrevistada jamaicana afirma que embora seu país tenha exemplos muito expressivos, não faz reflexões sobre o tema. Alguns/mas entrevistados/as detalham um pouco mais: representante brasileira analisa arte e cultura com muita proximidade, pois ela própria é musicista e frequenta o meio cultural *“nosso país é muito cultural, eu acho que nesse momento está tudo muito diverso, tem o pessoal do slam, do hip hop que têm ascendido, na própria música eu me situo no meio de música popular, no teatro não tanto porque não tem tanto apoio financeiro, não tem tanto subsídio, mas eu acho que os jovens têm sim uma grande expressão cultural, e para mim sobretudo na música que é a que eu frequento mais”*, embora a entrevistada esteja mais próxima à MPB, gênero musical que há artistas de várias gerações, ela cita, embora não aprecie todos/as, alguns/mas artistas jovens que considera expressivos/as na cena brasileira: o ator e escritor Gregório Duvivier, a banda Francisco, El Hombre, o youtuber Lucas Neto, a cantora Anitta e o canal do youtube Galãs Feios.

Coordenador da sub-região Andina considera a arte uma forma de resistência e que em seu país, a Colômbia, no último ano e meio os/as jovens estão a frente de manifestações que têm proporcionado diferentes expressões artísticas, muitos artistas colombianos com reconhecimento nacional e internacional não apoiam as lutas populares, neste sentido, entrevistado vê relevância *“em alguns coletivos artísticos e musicais da academia e de frente ou organizações sociais que estão nas ruas a manifestar-se, alguns com tambores, outros com teatros, como eu tenho visto mais relevante”*.

Na avaliação do coordenador da América Central, em seu país Guatemala a igreja evangélica tem formado muitos/as músicos/as e cantores/as, na Universidade de São Carlos de Guatemala há Escola Superior de Arte onde há muitos coletivos universitários que fazem performances, fazem manifestações no Dia Internacional da Mulher, Dia do Trabalhador e no dia da Revolução de 20 de outubro.

## Ação Política e Sindical

**N**as entrevistas qualitativas com as lideranças de cada sub-região, nota-se que a militância política de alguns deles/as foi iniciada quando eram muito jovens, conforme relatos: *“na verdade eu digo que comecei minha militância na infância ... desde pequena eu participava das movimentações, dentro da minha casa sempre houve esse posicionamento político... como eu passei no concurso com 20 anos, então eu saí da escola e fui direto pro trabalho,... toda essa militância que eu tinha na escola depois no meio acadêmico, eu transferi para a empresa onde eu trabalho;”* *“é muito lógico porque que antes de ser sindicalista, um líder sindical é um líder social, desde muito jovem recordei que, com meu pai, no setor que vivíamos, com o tema social, foi algo que aprendi a fazer com grupos ambientais, de jovens, logo fomos crescendo e projetando em nível municipal, com grupos e juntas de ações comunitárias, e diferentes organizações ambientais do município.”*

O trabalho sindical também começou cedo: *“eu assumi o conselho consultivo de meu sindicato no ano de 2018, no segundo semestre de 2018, com 28 anos já estava na direção de um sindicato que possui uma presença em nível nacional”,* *“comecei a trabalhar em um organismo público em 2009 e em 2011 [com 24 anos] comecei a militar abertamente na ANPOC – Asociación del Personal de los Organismos de Control - que é meu sindicato de base;”* *“em 2014 eu tinha 20 anos... não, eu não tinha nem 20 anos e aí a direção do SINTRASEB viu que eu tinha um potencial e começou a me chamar para as formações políticas sindicais.”*

O Quadro 1 mostra-nos os nomes das entidades sindicais citadas pelos entrevistados/as nas entrevistas quantitativas e qualitativas, bem como o total de menções de cada uma delas.

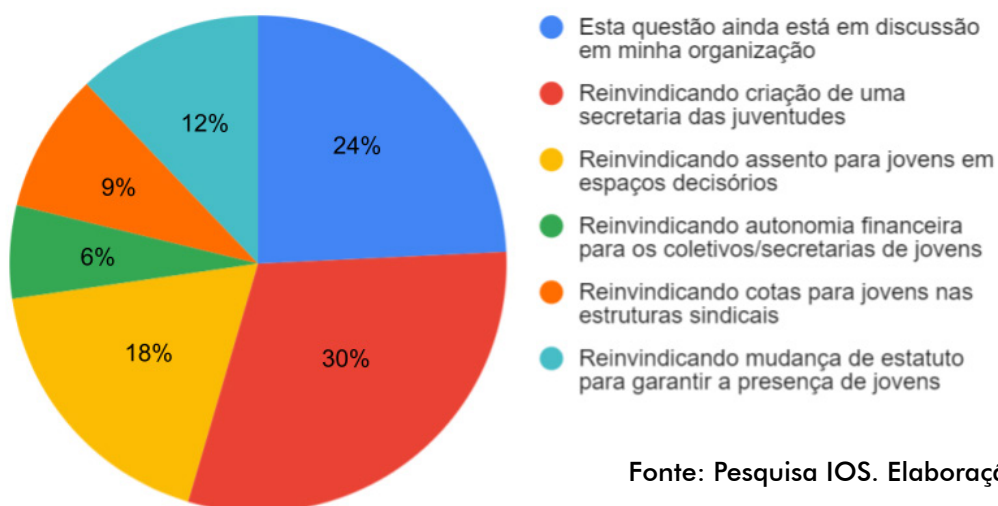
**Quadro 1: Sindicatos dos/as Entrevistados/as**

NOME DA ENTIDADE SINDICAL	NÚMERO DE MENÇÕES	PAÍS
Asociación de Servidores Públicos Departamentales y Municipales de Antioquia (ADEA)	01	COLÔMBIA
Agrupación Nacional Empleados Fiscales (ANEF)	01	CHILE
Asociación Paraguaya de Enfermería (APE)	01	PARAGUAI
Asociación del Personal de los Organismos de Control (APOC)	01	ARGENTINA
Asociación del Personal de la Universidad de Buenos Aires (APUBA)	01	ARGENTINA
Asociación Nacional de Servidores Públicos de la Defensoria del Pueblo (ASDEP)	01	COLÔMBIA
Confederación Nacional de Funcionarios Municipales de Chile (ASEMUCH)	01	CHILE
Asociación Nacional de Empleados de las Personerías (ASOPersonerías)	01	COLÔMBIA
Confederación Nacional de Servidores Públicos del Ecuador (CONASEP)	01	EQUADOR
Confederación Sindical de Trabajadores de la Salud Pública en Bolivia (CSTSPB)	02	BOLÍVIA
Federación Centro Unión de Trabajadores del Seguro Social de Salud (FED-CUT)	01	PERU
Federación Nacional de Asociaciones y Organizaciones de Empeados Públicos (FENASEP)	01	PANAMÁ
Federación Nacional de Obreros Dependientes del Estado (FENODE)	01	VENEZUELA
Jamaica Association of Local Government Officers (JALGO)	01	JAMAICA
Jamaica Civil Service Association	01	JAMAICA
Public Service Union of St.Vincent & the Grenadines (PSU of SVG)	01	SÃO VICENTE e GRENADINAS
Public Service Union of Belize (PSUB)	01	BELIZE
Sindicato Gran Buenos Aires de Trabajadores de Obras Sanitarias (SGBATOS)	01	ARGENTINA
Sindicato de Empleados y Trabajadores de la Municipalidad Sampedrana (SIDEYTMS)	01	HONDURAS
Sindicato Nacional de Empleados de la Dirección de Impuestos y Aduanas Nacionales (SINEDIAN)	01	COLÔMBIA
Sindicato Nacional de Servidores Públicos del Estado de Colombia (SINTRAESTATALES)	01	COLÔMBIA
Sindicato dos Trabajadores de la Municipalidad de Assunción (SITRAMA)	01	PARAGUAI
Sindicato de Trabajadores de la Medicina, Hospitales y Similares (SITRAMEDHYS)	01	HONDURAS
Sindicato dos Urbanitários do Pará	01	BRASIL
Sindicato Organo Legislativo (STOL)	02	GUATEMALA
Sindicato de Trabajadores de la Universidad de San Carlos de Guatemala (STUSG)	01	GUATEMALA
Sindicato de Trabajadores de la Universidad Nacional Autónoma de México (SITUNAM)	01	MÉXICO
Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Estadual de São Paulo	01	BRASIL
Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo	01	BRASIL
Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado de Alagoas	01	BRASIL
Sindicato dos Trabalhadores Ativos, Aposentados e Pensionistas do Serviço Público Federal no Estado de Minas Gerais (SINDSEP-MG)	01	BRASIL
Sindicato dos Trabalhadores de Limpeza Urbana do Agreste	01	BRASIL
SindSaúde SP	01	BRASIL
Sindicato Único dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Blumenau (SINTRASEB)	01	BRASIL
Unión del Personal Civil de la Nación (UPCN)	01	ARGENTINA

Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Verificamos que, embora os jovens reivindiquem espaços na estrutura sindical de suas organizações, a criação de uma secretaria das juventudes é a mais citada, 24% dos/as entrevistados/as afirmam que esta questão não está sendo discutida na entidade.

### Gráfico 8 – Como os/as jovens se organizam para obter espaços nas Estruturas Sindicais.



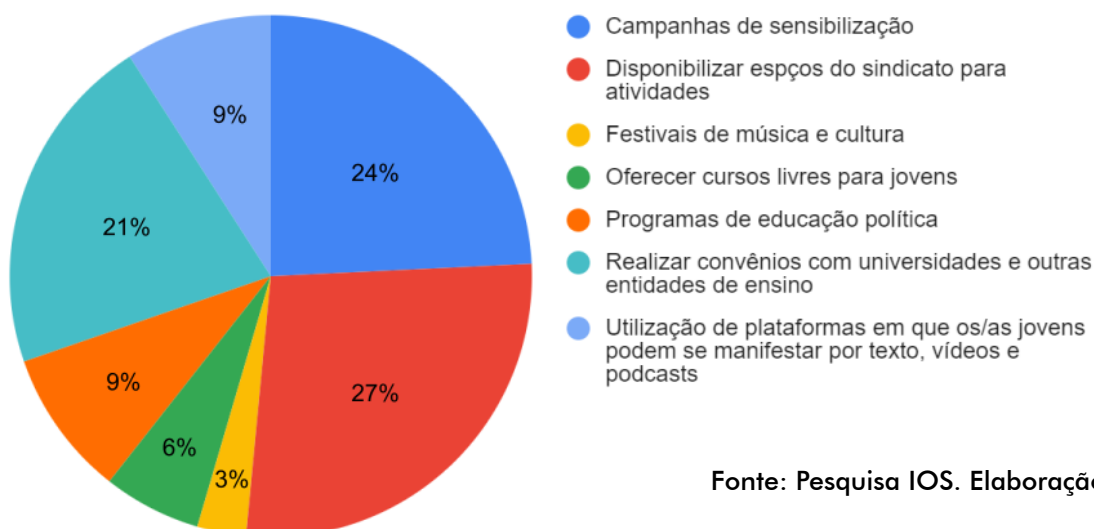
Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Nos marcos institucionais do sindicato, representantes das sub-regiões citam iniciativas de suas organizações, criação de secretaria e mudança de estatuto estão entre elas: coordenadora do Cone Sul informa que seu sindicato, desde 2010, possui uma secretaria da juventude em nível nacional e seccional, todas dependem da secretaria nacional, representantes da seccional participam da nacional, também encabeçadas jovens. Ações estão sendo tomadas também na Guatemala, em sindicato de coordenador da América Central *“no momento estamos na modificação dos estatutos e precisamente aí onde temos que envolver e criar uma secretaria que tem a ver com as questões de juventudes, gênero e meio-ambiente.”* Como mencionou a coordenadora brasileira relata que seu sindicato planeja, para o próximo congresso, realizar mudanças estatutárias que contemplem as questões de gênero, raça, LGBTQIA+ e juventudes.

Entrevistado colombiano informa que em seu sindicato existe uma plataforma e um comitê de juventudes *“que trabalha diretamente com jovens, mas com respaldo e acompanhamento dos/das adultos/as,”* adicionalmente este entrevistado afirma que em seu sindicato há uma junta diretiva nacional formada por todas sub-diretivas do país, que se busca que *“de alguma maneira haja a participação ou diferentes áreas ou dependências da entidade, garantindo que haja uma participação mais pluralista;”* coordenador da América Central destaca que sua organização sindical possui uma estrutura em nível nacional com 21 departamentos, cada departamento, por sua vez, possui duas representações sindicais e mais ou menos 20% destas representações são exercidas por jovens com menos de 35 anos e representante caribenha relata que em épocas de negociações salariais, trabalhadores/as jovens, mediante comitês do sindicato, colaboram com opiniões durante o processo.

De acordo com os/as entrevistados/as na pesquisa quantitativa, as iniciativas de suas organizações sindicais mais citadas para atrair os jovens são campanhas de sensibilização, realização de convênios com universidades e outras entidades de ensino e disponibilizar os espaços do sindicato para atividades. É interessante notar as duas últimas opções: convênio com universidades indica interesse das organizações sindicais com entidades de produção de conhecimento e disponibilizar espaços do sindicato indica que há interesse do sindicato de se tornar um ponto de encontro das juventudes.

## Gráfico 9 - Como a sua organização incentiva a adesão e participação de jovens trabalhadores/as



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Coordenadores/as entrevistado/as analisam a inserção e a participação dos/as jovens nas organizações sindicais da ISP e destacam papel da federação internacional para apoiar o trabalho sindical dos/das jovens: para entrevistado da sub-região Andina *“em primeiro lugar, ressaltar que é necessário conhecer a disposição e a estrutura que tem a ISP para que nós jovens sejamos protagonistas... isto é muito importante; em segundo lugar é ressaltar que algumas organizações respaldam e acompanham nossos jovens para que façam parte desses processos”*. Como esclarece coordenadora sub-região Brasil, os/as jovens têm conseguido *“galgar espaços dentro da ISP, na estrutura, então é muito importante pra discussão política da juventude estar nas instâncias de deliberações, não só falando sobre juventude, mas trabalhado de uma forma transversal.”* Representante brasileira confirma o esforço da ISP *“falando especificamente da ISP, eu posso falar do meu sindicato, da minha federação e dentro da ISP a gente tem trabalhado com essa política de juventude, de trazer jovens para dentro, formar esses jovens e colocar eles dentro de instâncias de deliberações e de estruturas dos movimentos sindicais.”* Entrevistada argentina também resalta o papel da ISP *“creio que as políticas de inclusão [de jovens] da ISP em todos os âmbitos vai contribuir bastante porque temos uma grande participação”*, esta entrevistada fala da política de seu sindicato *“na verdade temos apoio, não só de meu sindicato de base, mas também dos próprios dirigentes, temos elaborado uma grande apresentação de uma mesa nacional de jovens”*.

Nem sempre a participação de jovens corresponde a uma inserção nas estruturas sindicais como lembra entrevistado da América Central *“sinceramente, eu tenho visto a participação de diversos/as jovens, mas, nem todos pertencem a uma eletiva e há muitos/as jovens que não conhecem sua estrutura organizacional, porque para expor suas ideias tem que conhecer o nosso sindicato, tem que conhecer o tipo de afiliados que temos, segundo, onde estão localizados, que tipo de trabalho fazem, que tipo de ramo se dedicam.”* A representante caribenha pensa que seria necessária uma plataforma de discussão com participação dos jovens, mas não saberia dizer como ampliar a comunicação ou avaliá-la.

Coordenadores/as entrevistados/as ressaltam as dificuldades de os/as jovens serem incluídos ou seguirem no trabalho sindical: nas eleições das direções sindicais os/as jovens não são eleitos, como resalta coordenador da sub-região Andina e *“isso impede que continuem, vai outra pessoa e isso vai perdendo o processo”*; ou dentro das instâncias dos sindicatos como aborda coordenadora brasileira *“porque existe aí*



*também algumas situações de dificuldade de permanência desses jovens nas liberações dentro das direções do sindicato. Não são todos os sindicatos ainda que entendem que é importante, que é necessário ter uma política de juventude, pra gente criar novos fatos, pra manutenção, dos sindicatos, manutenção das lutas.”*

É provável que seja o caso de mudar a linguagem ou a forma de fazer política como lembra a entrevistada brasileira *“a adesão é muito pequena, às vezes até zero. Eu, sinceramente, não sei dizer o que exatamente precisa ser mudado. Eu acho que tem muitas coisas que precisam ser mudadas, talvez a linguagem, a maneira como conduzir politicamente.”* Há o trabalho de formação da ISP, mas isso não reverte em inserção nas estruturas sindicais de acordo com declaração de entrevistado da América Central *“eu tenho visto que há muitos companheiros que têm participado de diversas capacitações e encontros da ISP, e uma habilidade que vejo é a que oferecem para uma pessoa jovem, mas nunca há a possibilidade para os espaços de poder e instituições.”*

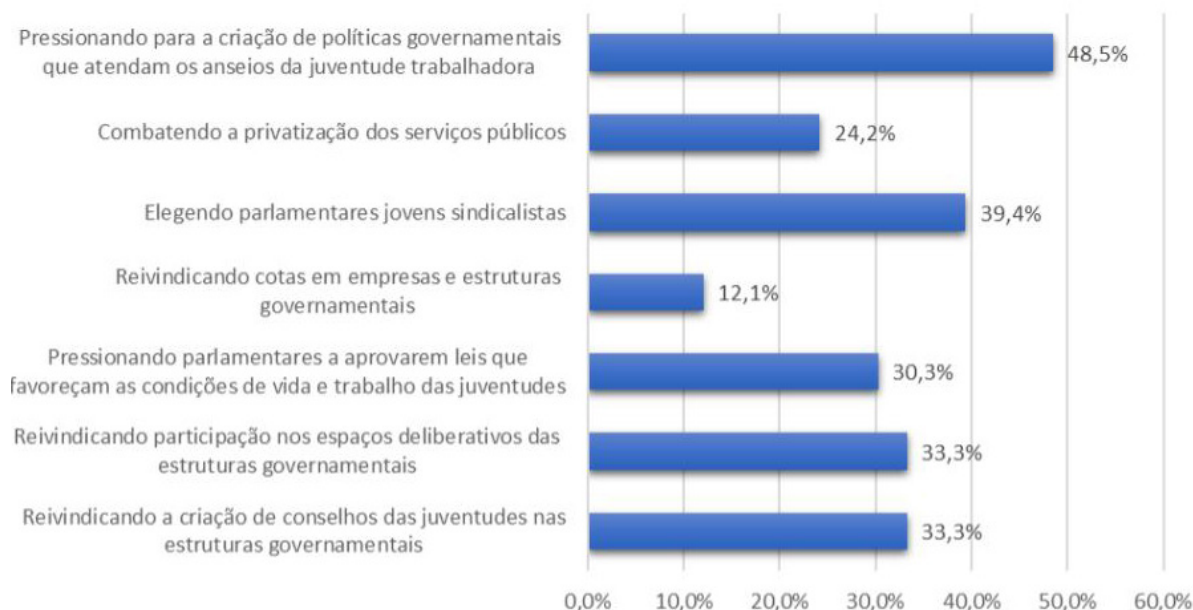
Entrevistadas do Brasil e Argentina ressaltam que há um trabalho da ISP para engajar os jovens e que este engajamento existe, mas a pandemia trouxe dificuldades *“a gente tá com dificuldade de engajamento dos jovens até por conta da pandemia, a gente tinha aí uma regularidade de encontros, estamos há quase dois anos sem se encontrar, tá todo mundo com muita demanda”;* *“está custando ultimamente na Argentina, é uma grande campanha, creio que em toda América Latina, temos uma porcentagem de sindicalização, são poucos os ativos. Quase dois anos...e também passa que na pandemia perdemos um pouco o contato com filiados e filiadas.”* Entrevistada jamaicana também relata as dificuldades que a pandemia trouxe, que houve uma mudança para realizar as atividades que os/as jovens trabalhadores/as do sindicato desenvolviam, o sindicato está tentando realizar atividades remotas devido às restrições impostas pela covid-19.

A mobilização de jovens para participar dos eventos sindicais pode ser prejudicada pelo medo de retaliação, como avalia coordenadora da sub-região Brasil: *“ela ainda é baixa [a participação], a gente não tem conseguido avançar muito com isso ... um dos problemas, como eu coloquei, é a questão de medo de retaliação com envolvimento com o sindicato, por estarem em vínculos que não são seguros, vamos dizer assim, são vínculos temporários de trabalho, então as pessoas acabam ficando com receio de participarem.”*

A coordenadora brasileira ressaltava, ainda, a importância da renovação de quadros e, para isto, é necessário preparar os/as jovens sindicalistas, esta opinião é reforçada por entrevistada argentina: *“para mim parece muito importante, não somente no âmbito do sindicato, mas também no âmbito da ISP, que nós jovens construamos nossa descendência, me parece que temos que formar os futuros quadros, que os jovens ocupem os espaços, já estou chegando nos meus 35 anos, necessitamos deixar mais jovens que ocupem os espaços;”* representante brasileira avalia que os serviços públicos são formados por profissionais mais velhos e isso reflete nos quadros dos sindicatos *“aqui no meu sindicato nós temos 33 diretores, só eu sou jovem, e os delegados também nas outras instâncias sem ser diretor executivo, nos núcleos, a gente não tem jovem.”*

Sobre o papel das organizações sindicais para reduzir o desemprego e melhorar as condições, as entrevistas quantitativas mostram que 48,5% dos/das entrevistados/as pensam que o sindicato deve fazer pressão para a criação de políticas governamentais que atendam os anseios da juventude trabalhadora.

## Gráfico 10 - Qual o papel das organizações sindicais para reduzir o desemprego e melhorar as condições de trabalho dos/das jovens trabalhadores/as.



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Para os/as coordenadores/as entrevistados/as, as principais pautas e ações de suas organizações sindicais visando melhorar as condições de vida dos/as trabalhadores/as jovens seriam criar condições ideais para o trabalho jovem, como explica coordenador da América Central *“primeiro criar estabilidade laboral, segundo criar condições laborais ideais e, em terceiro, que estas condições sejam respeitadas”*; de acordo com este coordenador, um dos incisos do pacto coletivo de seu sindicato prevê que uma pessoa que tenha dois anos ininterruptos de serviço público, que tenha orçamento regular, que não tenha faltas, esses três requisitos, daria a possibilidade para que a pessoa tenha uma regra orçamentária que significaria estabilidade até a aposentadoria.

Na mesma linha, coordenadora da sub-região Brasil ressalta que antes de tudo é necessário ter garantia de trabalho decente para os/as jovens que ingressam nos serviços públicos que significaria possuir contrato permanente, estatutário, e remuneração adequada e para isso o sindicato vem trabalhando *“pela realização de concursos, pela efetivação de servidores STs (servidores temporários) porque a maioria dos servidores em contratos temporários aqui na minha base são jovens, então mais de 1/3 desses trabalhadores que estão em trabalhos, em relações temporárias de trabalho”*.

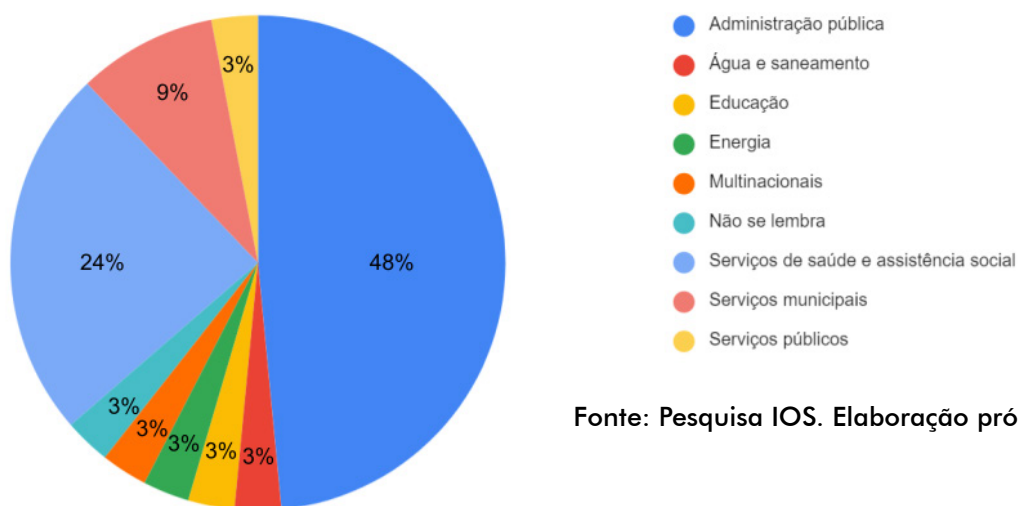
Representante brasileira faz uma distinção entre jovens trabalhadores/as *“pro jovem que já está no serviço público ele tem uma certa segurança que o jovem que não está não tem. Eu acho que há uma necessidade no serviço público de formação política e sindical”*; entrevistada argentina pensa que é importante ter uma política pública para jovens e isso se faz com trabalho, reivindicar a ampliação dos direitos é a raiz do trabalho.

Sindicatos esbarram em dificuldades para que essas pautas sejam cumpridas, como destaca a coordenadora brasileira: *“a gente tem uma dificuldade de negociação muito grande com essa gestão atual, até então nós tínhamos uma abertura maior de diálogo. É o primeiro prefeito que nós temos aqui em Blumenau que ele não senta, nunca abriu a mesa de negociação.”* Para coordenador da sub-região Andina além do governo colombiano não cumprir acordos, as pautas para jovens são, muitas vezes, dificultadas pelas próprias organizações sindicais como relata *“na negociação coletiva nós apresentamos uma proposta ...temas específicos para os jovens, quatro pontos*

específicos de jovens que apresentamos desde nossa federação sindical (UNITE) aqui em Colômbia, um desses pontos as centrais se opuseram a votar positivamente.”

Jovens questionados/as em entrevista quantitativa acerca do setor que sua entidade sindical ocupa na ISP, os três mais citados pelos/as respondentes/ em ordem foram: 48% menções à “Administração Pública”, 24% menções aos “Serviços de Saúde e Assistência Social” e 9% das menções foram para “Serviços Municipais”. Para maiores detalhes, verificar o gráfico 11, que segue abaixo.

**Gráfico 11: Setores das entidades sindicais na ISP de acordo com os/as entrevistados/as.**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Coordenadores/as comentam as dificuldades em relação à inclusão de jovens nos serviços públicos em seus diferentes setores: coordenador da sub-região Andina fala da realidade de seu país, a Colômbia: *“somente nos últimos anos se avançou com a negociação coletiva e vamos ter garantia de inclusão de jovens no emprego público, nos serviços públicos, porque o que existia antes era precário, não havia condições legislativas que garantisse às empresas e ao Estado incluir jovens, embora segue sendo muito pequena a participação dos e das jovens no emprego público.”*

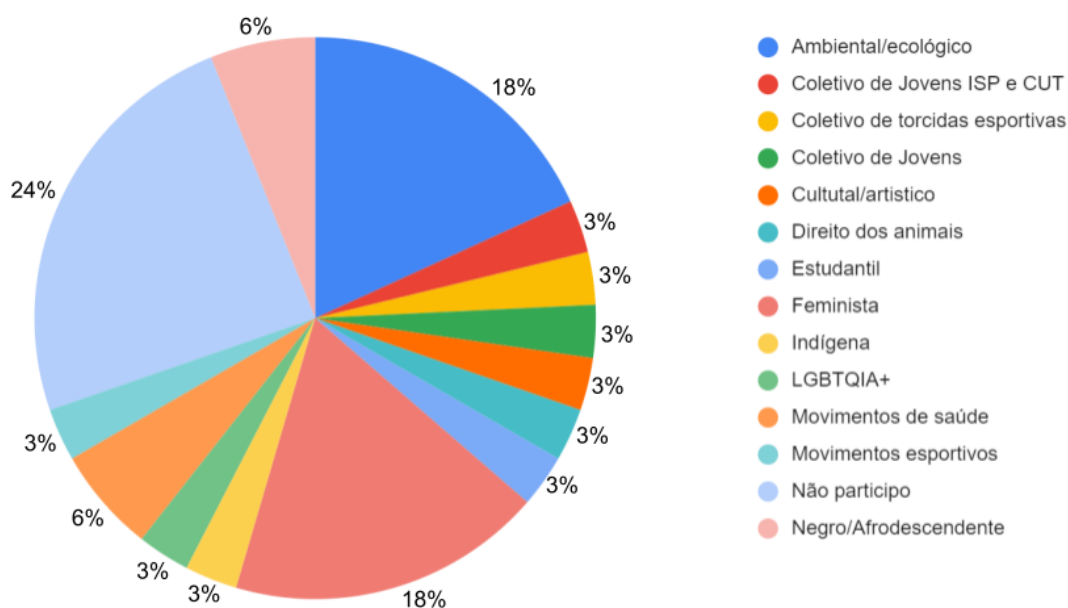
A falta de renovação na realidade brasileira, por sua vez, está relacionada com a ausência de concursos públicos como analisa coordenadora da sub-região: *“a questão do jovem dentro do serviço público, a gente falando especificamente do Brasil, a gente tem uma dificuldade muito grande, porque nós não temos mais, por um longo período a gente está com uma dificuldade de realização de concurso, então os jovens, a maioria deles estão colocados em uma relação de trabalho mais precarizada, com contratos temporários, com menos direitos que os estatutários e com isso também uma dificuldade de ir pra dentro das organizações sindicais, com medo de retaliações, por não ter uma estabilidade para poder fazer a militância, então isso acaba dificultando também.”*

A pequena renovação de quadros no setor público é mencionada também por coordenador da América Central desde seu país, a Guatemala, pois *“para que uma pessoa possa optar por um cargo de direção ou um cargo mais alto, uma pessoa tem que aposentar-se para substituí-la, ...por exemplo, se faltam 20 anos para uma pessoa aposentar-se, quando eu for optar por essa substituição não vou ser jovem, vou ter próximo de 45 anos, então as oportunidades para as juventudes não estão na ordem do dia.”*

Outra dificuldade para os/as jovens que trabalham nos serviços públicos é a sensação de engessamento profissional como lembra entrevistada brasileira *“a carreira no serviço público é um pouco ingrata porque você sabe o que tá acontecendo na política eu, por exemplo, sou concursada mas procuro fazer outras coisas foras também, então eu acho que é mais assim, há sim a intenção de seguir a carreira mas concomitante a uma outra coisa pra não ficar só preso nisso...dá uma sensação que você não consegue desenvolver algumas coisas que seriam positivas.”*

No que diz respeito à indagação na pesquisa quantitativa acerca do/a entrevistado/a participar de outros coletivos/movimentos sociais, para além da militância sindical, o gráfico 12 revela-nos que a opção mais citada com 24% foi de “Não participo”, a indicar que a maioria do universo participante restringe sua atuação à luta sindical. Para quem possui outra militância, além da sindical, aparecem com 18% do total entre alternativas, a participação em coletivos e movimentos sociais ligados à causa “Ambiental/ecológico” e “Feminista”. A distribuição das opções pode ser vista no gráfico a seguir:

**Gráfico 12 - Participação em Coletivos/Movimentos Sociais**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

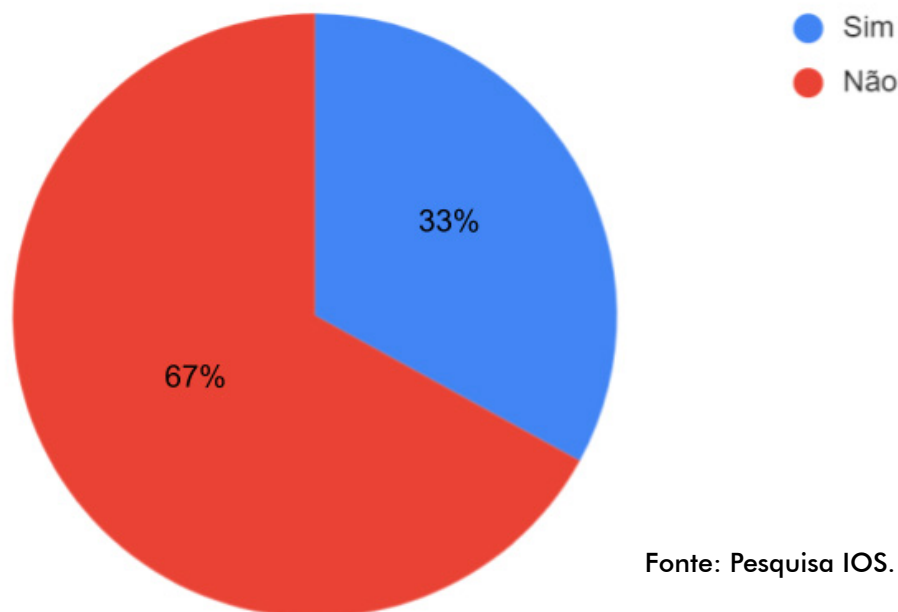
Entre os representantes/as das sub-regiões, a militância em outras questões sociais não é exercida por todos/as entrevistados/as, aqueles/as que exercem é mediante coletivos externos, mas também no âmbito do próprio sindicato: entrevistada brasileira trabalha com coletivo de jovens em seu sindicato e federação sindical, não estatutariamente; entrevistada argentina trabalha na área ambiental no âmbito do próprio sindicato que faz parte da Frente Sindical de Ação Climática; na Guatemala, coordenador da sub-região América Central faz parte de um coletivo de formação política em parceria com a FES (Fundação Friedrich Erbert) Centroamerica; coordenador da sub-região Andina relata que participa de diversas formas de lutas sociais na Colômbia, como por exemplo, assembleias populares, ambientais, na organização de coletivos de jovens com o objetivo de criar consciência eleitoral para as próximas eleições nacionais do congresso e da presidência.

Coordenador da sub-região Andina considera que, atualmente, um movimento social muito relevante na Colômbia é o movimento estudantil, esclarece que há duas frentes de luta em seu país: por um lado, a luta popular que toma as ruas e paralisa o país e que derrubou uma reforma tributária e o ministro que a apresentou, reverteu a reforma que iria privatizar mais ainda a saúde pública; por outro lado, a partir das instâncias de direitos sindicais, desde as diferentes organizações sindicais até a negociação coletiva buscar acordos sobre políticas que sejam contra postulados ou práticas capitalista e neoliberais.

A Coordenadora da sub--região Brasil faz uma avaliação semelhante em relação ao contexto brasileiro, considera que o movimento de jovens oriundos do movimento estudantil e dos movimentos sociais estão mais mobilizados que os movimentos de trabalhadores/as jovens no enfrentamento às políticas neoliberais dos governos.

É comum que os/as dirigentes sindicais sejam filiados a partidos políticos. Muitos/as combinam a militância sindical com a militância partidária a fim de garantir os direitos da classe trabalhadora. Assim, resolvemos questionar se os/as participantes eram filiados/as a algum partido político. O gráfico 13 mostra o resultado da pesquisa quantitativa em que a maioria, 67%, revelou não ser filiado a algum partido político.

### Gráfico 13 - Filiação Partidos Políticos



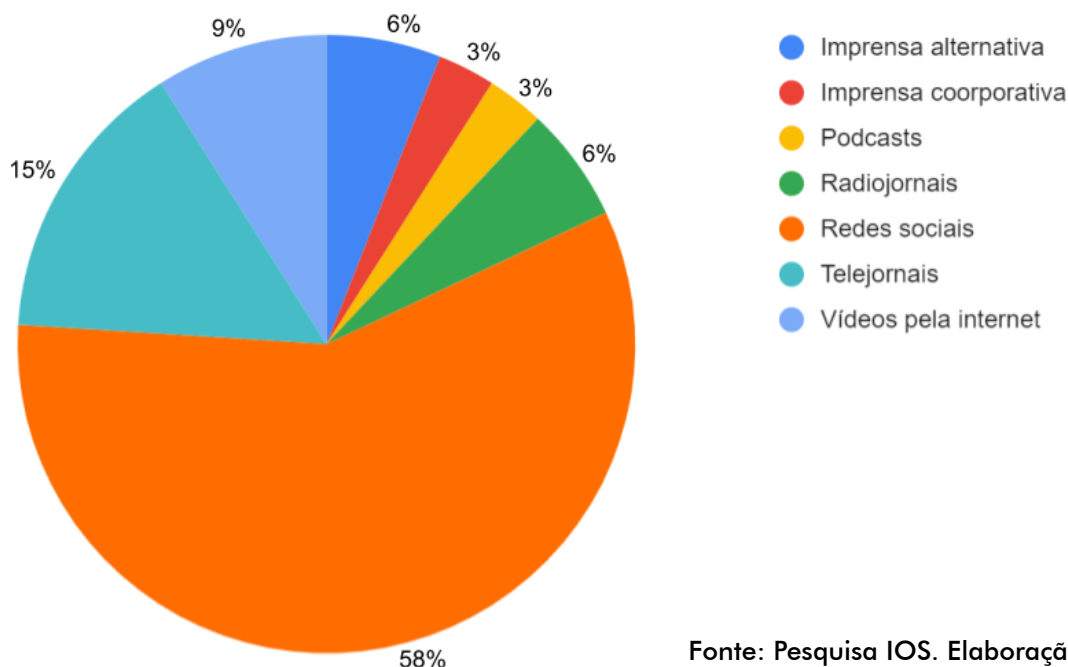
Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Considerando entrevistas quantitativas e qualitativas, aqueles/as que são filiados/as a um partido político a situação é a seguinte: 1 filiação ao Partido Comunista do Brasil (PC do B)-Brasil, 4 filiações ao Partido dos Trabalhadores (PT)-Brasil, 1 filiação ao Partido Socialismo e Liberdade (Psol)-Brasil, 1 filiação à União Cívica Radical (UCR)-Argentina, 2 filiações ao Partido Justicialista-Argentina, 1 filiação ao Polo Democrático – Colômbia, 1 filiação à Alianza Verde – Colômbia, 1 filiação ao Partido Comunista del Chile-Chile, 1 filiação ao Partido Libre – Honduras, 1 filiação ao Partido Democratas de Santa Cruz-Bolívia, 1 filiação ao Partido Colorado-Paraguai.

Coordenadores/as expõem suas impressões sobre filiação partidária: coordenadora brasileira, embora filiada, se dedica mais à militância sindical que toma quase 100% de seu tempo, coordenador da sub-região Andina informa que em seu país, a Colômbia, a participação de servidores públicos é nula pelo fato de os empregados públicos serem proibidos de fazer política partidária (inclusive de empresa estatais), a participação está condicionada a uma lei específica que está esperando regulamentação desde a constituição de 1991.

À pergunta sobre como se informam a respeito das questões sociais, políticas e econômicas dos seus países, a alternativa mais mencionada com 58% do total das respostas foi pelas “Redes Sociais”. Logo em seguida, os canais informativos mais citados pelos/as líderes foram, em ordem de escolha 15% “telejornais” e com 9% das menções “vídeos pela Internet”. Em detalhes, o gráfico 14 apresenta os percentuais das outras opções mobilizadas pelos/as entrevistados/as a propósito dos canais que procuram usar para se informar.

**Gráfico 14 – Como os/as entrevistados/as se informam sobre as questões Sociais, Políticas e Econômicas de seu País.**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Coordenadores/as entrevistados/as declaram que seus sindicatos utilizam, combinados com outras formas de lutas, as redes e outros meios de comunicação, coordenadora brasileira relata que seu sindicato trabalha diretamente com base, em visitas levando material, dialogando diretamente com o trabalhador, e também pelas redes sociais Facebook, Instagram, Twitter, canais de WhatsApp direcionados para as categorias, material no Youtube, material em plataforma de Podcast e também um programa de rádio semanal, esta entrevistada esclarece a necessidade de ampliar e ter material direcionado para cada meio *“a gente precisa ampliar e entender como a gente vai se comunicar via Instagram, via Facebook porque de textão a gente já tem os jornais impressos e coisa, a rede social tem que ser mais dinâmica, então aprender a trabalhar a forma, que a gente avançou nisso, mas ainda não conseguiu”*.

Coordenador da América Central relata que seu sindicato utiliza as redes sociais para fazer denúncias sobre o que acontece na Universidade de São Carlos de Guatemala, com o mesmo intuito foi utilizado um programa de rádio que se chamava *“Las bordas del sindicalismo”*, mas que atualmente não está sendo transmitido; para entrevistada brasileira, em virtude da pandemia os sindicatos foram obrigados a utilização de ferramentas tecnológicas e o uso maior das redes sociais, a adesão à essa prática tem sido *“algumas vezes de forma precária que eu acho que poderia ser um pouco melhor em alguns aspectos, mas é tempo de todo mundo aprender.”*

Mas, representantes das sub-regiões ressaltam a importância do contato pessoal com trabalhadores/as nas formas de luta: *“o WhatsApp, ele facilita muito a nossa vida também, mas ele gera uma aproximação, mas ao mesmo tempo um afastamento, porque tu não tá ali, a pessoa não tá te vendo, então por mais que a gente utilize não dá para achar que só isso, [que] ali vai dar conta de fazer o convencimento, tem que estar diretamente lá no local, tem que estar dialogando “olho no olho” porque precisa de um equilíbrio.”*

Entrevistada Argentina destaca o poder das mobilizações dos coletivos *“creio que a raiz disso é sentar-se para as negociações paritárias, quando se está em acordo*

com os coletivos é maior poder para os sindicatos e não para que as coisas parem no tempo.”

Coordenadora brasileira destaca ações que envolvem outros setores da sociedade, o seu sindicato participa de um movimento chamado Blumenau pela Vida que envolve, além do movimento sindical, movimentos sociais e comunidade local. De acordo com coordenador da sub-região Andina, sua organização valoriza o diálogo social, faz aproximação com os chefes e tem tido bons resultados, esgota as negociações pela via legal, antes de fazer alguma manifestação.

## Jovens e o Mercado de Trabalho

Estudo da OIT, publicado em 2017, portanto antes da pandemia, mostra a situação desvantajosa dos jovens no mercado de trabalho em âmbito mundial. Em 2017, a taxa de desemprego entre jovens (15 a 24 anos de idade) alcançava 13,1%, uma população de cerca 70,9 milhões, o pico havia sido em 2009, efeito da crise mundial de 2008, por volta de 76,7 milhões de jovens desempregados. Ainda segundo a OIT, o desemprego juvenil é cerca de três vezes maior que o desemprego entre adultos, além disso, quando empregados, os jovens possuem empregos de baixa qualidade, geralmente a entrada no mercado de trabalho se dá pela informalidade, nos países em desenvolvimento 16,7% vivem abaixo da linha de extrema pobreza (ganhos de U\$1,90 por dia) (ILO, Introdução, p. 01). Estima-se que 21,8% da população jovem, sobretudo as mulheres, nem trabalha nem estuda (os chamados nem-nem)<sup>2</sup> (ILO, Introdução. p. 02).

Na América Latina e Caribe, a situação do emprego jovem também não é animadora. De acordo com a OIT, no início de 2021, o desemprego juvenil alcançou 23,8% e cerca de 3 milhões de jovens deixaram a força de trabalho na região<sup>3</sup>. Cerca de 23 milhões não estudam nem trabalham (21,7% de todos/as os/as jovens). Em dados de 2020, na América Latina e Caribe, a taxa de jovens mulheres desempregadas era de 22%, quase 7 pontos percentuais acima da dos homens (15,2%), taxa de informalidade chega a 62,4% para os/as jovens, 10 pontos percentuais acima da dos/das adultos/as.<sup>4</sup>

A pesquisa amostral nos dá elementos para verificar quais são as percepções dos/das jovens da ISP entrevistados/as em relação à maiores dificuldades sociais e trabalhistas enfrentadas pelos/as jovens: desemprego foi a dificuldade mais citada, discriminação por gênero e faltas de perspectiva para o futuro ficaram em segundo lugar em número de citações.

<sup>2</sup> Deve-se lembrar que o conceito de nem-nem deve ser usado cuidadosamente para se evitar compreensão de que esses/as jovens são ociosos/as ou improdutivos trazendo consigo uma carga pejorativa, muitos deles/as estão procurando emprego ou dedicam-se a afazeres domésticos.

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver: OIT alerta para risco de “geração do confinamento” com crise do emprego entre os jovens. 13/08/2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/140066-oit-alerta-para-risco-de-geracao-do-confinamento-com-crise-do-emprego-entre-os-jovens>. Acesso em: 05/01/2022.

<sup>4</sup> [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_738633/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_738633/lang--pt/index.htm). 16/03/2020

**Gráfico 15 – Maiores dificuldades enfrentadas pelos/as Jovens Trabalhadores/as**

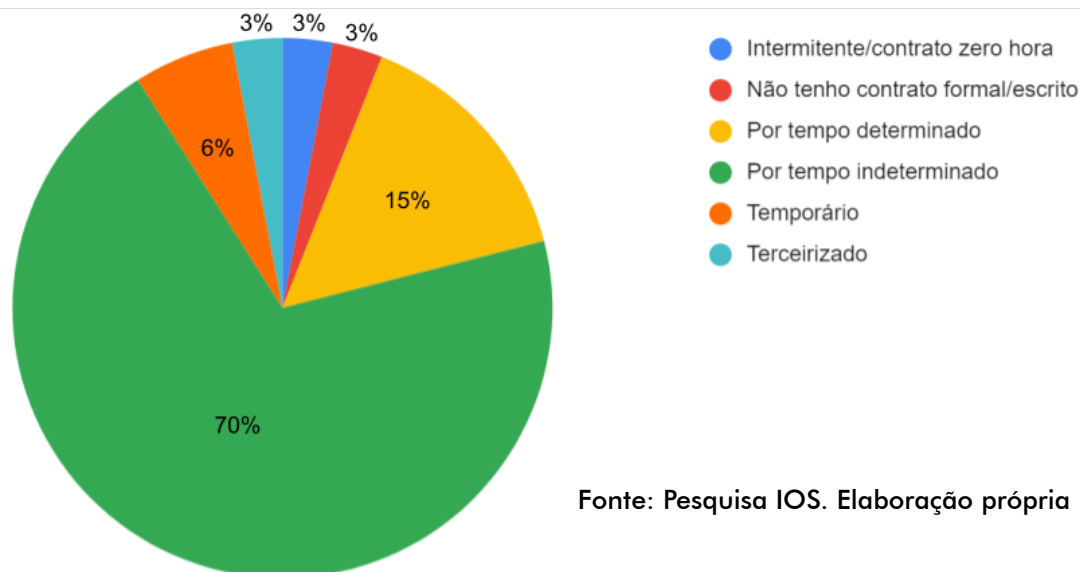


Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Outras dificuldades citadas foram a falta de confiança no governo atual, falta de concurso público, não há quadros jovens no serviço público.

As formas de contrato de trabalho mostram que a maioria dos/das jovens que trabalham nos serviços públicos possui contratos de trabalho mais estáveis do que os/a jovens trabalhadores/as latino-americanos e caribenhos em geral: 70% possuem trabalho por tempo indeterminado.

**Gráfico 16 – Contrato de Trabalho**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

As respostas da pesquisa amostral condizem com as declarações dos coordenadores/as consultados/as, mas embora o emprego público seja estável, há tentativas de flexibilização: entrevistada brasileira explica que os vínculos de contrato pela CLT são estáveis *“É permanente, eu por exemplo não sou servidora, sou empregada pública, mas eu tenho um vínculo com a empresa que é um vínculo CLT, mas que tem uma certa estabilidade, é tipo Petrobrás. A minha base é formada por algumas empresas públicas e por servidores, 40% é CLT e 60% regime jurídico único, mas todos com vínculo federal;”* embora haja tentativa de se tirar a estabilidade, como explica coordenadora brasileira *“aqui no município [de Blumenau-SC], [há] servidores em contrato temporário, servidores estatutários e servidores de cargos comissionados. Para piorar eles fizeram o contrato jurídico direto, administrativo direto que daí é*



uma regra de uma legislação própria que ela retirou bastante direito dos servidores em contratos temporários que estavam previstos na CLT.”

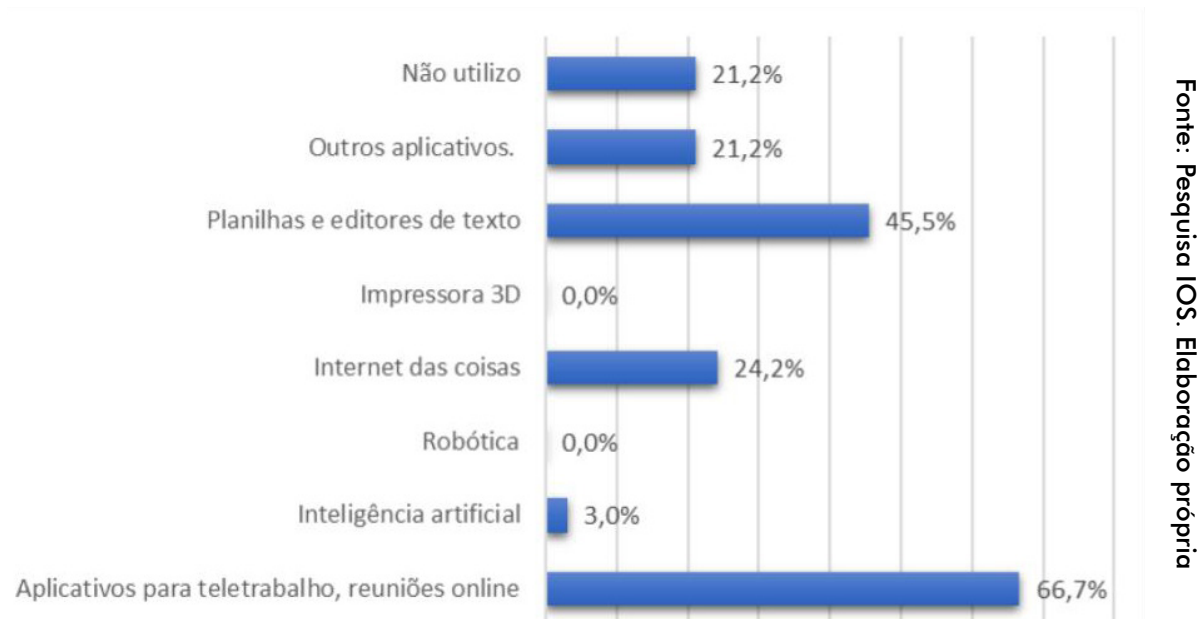
Na Colômbia, de acordo com coordenador da sub-região Andina, há uma particularidade entre os empregados públicos, “uma forma de contratação que se chama contratação de serviços, contratam sua mão de obra e você tem que assumir o pagamento da seguridade social e demais pagamentos, você não tem horário, você não tem patrão, existem essas pessoas que estão como prestadoras de serviços, e que é uma forma de contratação de jovens mais comum.”

Tipos de contratos precários nos serviços públicos também ocorrem na Guatemala, como esclarece coordenador da sub-região América Central: “na Guatemala temos aproximadamente 70% de trabalho informal e 30% de trabalho formal e, a maioria destes, **tem contratos 011 a término** (também chamado Misceláneo)”, nas atividades privadas. Entrevistado explica como funciona este tipo de contrato: para “um trabalho estável, pode-se falar em contrato indefinido, mas que pode ser interrompido a qualquer momento, na minha instituição que é a Universidade de São Carlos há muitas pessoas que são 011, que estão indefinidas, há um grande número de jovens que estão em um certo limbo que se chama 011 a término ...são contratados com orçamento extraordinário o que, regularmente, atrasa seus pagamentos para certas datas.”

O Representante do Cone Sul ressalta que em sua base sindical a maioria dos trabalhadores/as possuem contrato permanente, são formais porque são sindicatos do Estado, mas esta não é a realidade dos/as jovens de seu país, a Argentina. O Representante do Caribe informa que na base de seu sindicato os contratos são de tempo integral e permanentes “algumas empresas têm alguns contratos, mas sempre num emprego permanente através da nossa agência ministerial.”

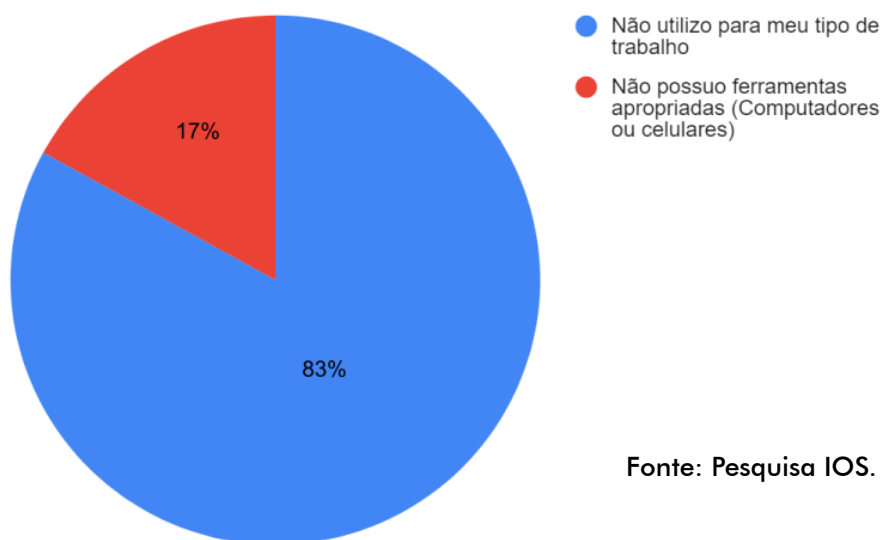
Em relação ao uso de ferramentas tecnológicas, as mais citadas na pesquisa quantitativa são aplicativos para teletrabalho, reunião online; planilhas e editores de texto. Além das opções apresentadas, foram citadas telefone móvel, Sistema Integrado do Ministério do Interior, editores publicitários e ferramentas de cálculo, aplicativos de mensagem, nuvens de documentos, internet, impressora.

**Gráfico 17 – Ferramenta Tecnológica utilizada para trabalhar**



Entre aqueles/as que responderam que não utilizam, a maioria é porque não necessita para o tipo de trabalho que desempenha.

### Gráfico 18 – Motivo pelo qual não utiliza Ferramenta Tecnológica



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Na pesquisa quantitativa, entre os possíveis efeitos da tecnologia sobre o emprego, melhorar a comunicação é o item mais citado entre entrevistados/as, seguido pelos itens necessidade de treinamento constante e, relacionada à opção anterior, mudanças frequentes no trabalho. É interessante notar que apenas 6 entrevistados/as citaram desvalorização do/a trabalhador/a.

### Gráfico 19 – Possíveis efeitos da Tecnologia no Emprego



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Coordenadores/as entrevistados/as fazem avaliação do impacto das tecnologias sobre o mundo do trabalho: para coordenadora da sub-região Brasil, em virtude da pandemia, muitos trabalhadores/as trabalharam no sistema de teletrabalho, mediadas pelas mídias digitais, o tempo todo conectados/as, com sobrecarga de trabalho “*não tendo uma regulamentação dessas novas formas de emprego as pessoas acabam trabalhando muito mais a sua nova jornada de trabalho, elas acabam não conseguindo delimitar o que é trabalho, o que é lazer, o que é descanso... vai trazendo algumas dificuldades como por exemplo, a gente aqui, eu vou de “novo trazer um exemplo nosso: a gente tá com um grande número de servidores afastados por motivos psicológicos.”*

Representante brasileira ressalta adoecimento psíquico e dificuldades para os jovens que entram no mercado de trabalho, *“embora tenha facilitado diversas coisas WhatsApp, Zoom, Meet, por outro lado tem trazido para os jovens um adoecimento psíquico e mental porque nas redes sociais a gente acaba vendo coisas inalcançáveis e aquele jovem está entrando no mercado de trabalho e não tem acesso a todos bens de consumo que ele vê na internet.”*

Coordenador da sub-região Andina chama a atenção que em seu país, a Colômbia, a internet não é um serviço essencial, neste sentido mais de 50% da população não possui conexão por um lado, não há acesso aos serviços públicos que necessitam de internet, por outro, os custos para manter um serviço de internet por parte dos empregados públicos são altos e o direito à desconexão não é respeitado. Este entrevistado também chama atenção para a sobrecarga de trabalho e problemas psíquicos *“agora, em tempos de pandemia, ademais, tem gerado situações mentais, cargas laborais, não se respeita direito à desconexão;”* entrevistado lembra que *“não é mal a tecnologia, mas há que tomar cuidado para que a tecnologia não substitua a mão de obra das pessoas.”*

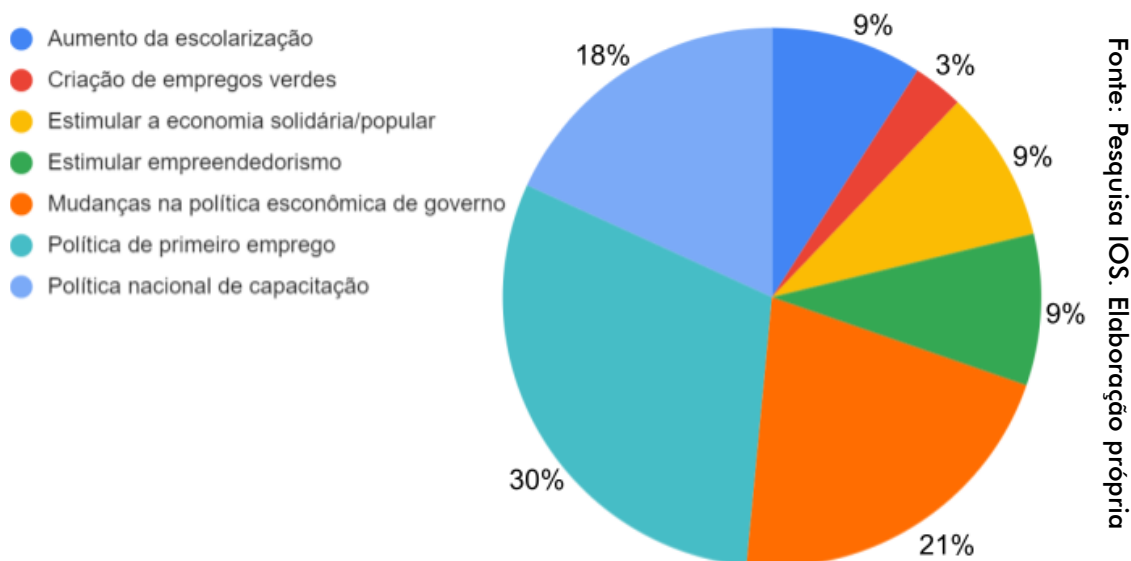
Coordenador da América Central vê, também, que a tecnologia é utilizada para sobrecarregar e explorar a juventude trabalhadora *“é uma nova forma de exploração, não há horários estabelecidos, sempre têm que estar conectados, sempre têm que estar disponíveis para o chefe...os jovens estão imersos porque não há trabalho formal, são as únicas oportunidades de trabalho formal, é este trabalho que a juventude está aceitando, não pagam hora extra, não pagam horário, não pagam nada, não pagam equipamento.”*

Entrevistada do Cone Sul faz uma avaliação como trabalhadora e como sindicalista *“como trabalhadora simplifica bastante as coisas, creio que foi um alívio contar com os meios eletrônicos para trabalhar durante a pandemia, contudo, como sindicalista creio que apresentou muitos desafios e muito trabalho adicional porque não há controle, mudou a forma de trabalhar e também cresceu os abusos em muitos lugares, perdemos o contato com companheiras e companheiros, o que dificulta mais as nossas tarefas.”*

Representante do Caribe chama a atenção para a perda de empatia e a destruição de relações que a tecnologia pode causar: *“acessar a internet é ótimo, acessar muita informação impacta nas decisões, é possível socializar com os diferentes ...neste momento já não temos contato, já não temos empatia, nem relação de cultura social, com este mundo digital já não temos relação humana.”*

Pesquisa quantitativa mostra que entrevistados/as priorizam políticas governamentais para a criação de emprego e renda para as juventudes, entre as medidas mais citadas estão política de primeiro emprego, mudança na política econômica do governo e política nacional de capacitação de acordo com gráfico a seguir.

## Gráfico 20 – Medidas necessárias para criar Emprego e Renda



Entrevistas qualitativas com coordenadores/as complementam as informações: em relação à legislação trabalhista, coordenadora do Cone Sul informa que em seu país, do que ela saiba, na Argentina todos contratos de trabalho são regidos pela legislação nacional, há contratos profissionais específico para jovens que estudam; entrevistadas brasileiras ressaltam que há a legislação nacional, a CLT, mas que a reforma trabalhista afetou, também, a juventude trabalhadora que está entrando no mercado de trabalho; sindicatos vêm lutando contra ofensivas do governo federal para precarizar e flexibilizar mais ainda as relações de trabalho, a Lei do Estágio (L 11.788 de 2008) no Brasil foi citada como uma medida protetiva para os estagiários que geralmente são jovens; na Colômbia, de acordo com representante da sub-região Andina, há uma legislação nacional e vale para todos/as trabalhadores/as, no setor público ou privado, entre as empresas estatais há a obrigação de contratar pessoas jovens, embora essa contratação seja dificultada pela exigência de experiência *“que é um limitante da entrada dos jovens no emprego público.”*

Coordenador da América Central expõe um contexto diferente e argumenta que seu sindicato trabalha para criação de políticas públicas para as juventudes, uma vez que reivindicar políticas de emprego seria, na Guatemala, inconstitucional: uma legislação específica seria totalmente inconstitucional, porque privilegiaria o trabalho para certo setor e outros setores seriam discriminados, *“porque trabalho é constitucional, trabalho é para todos, o que se poderia fazer é uma política pública.”*

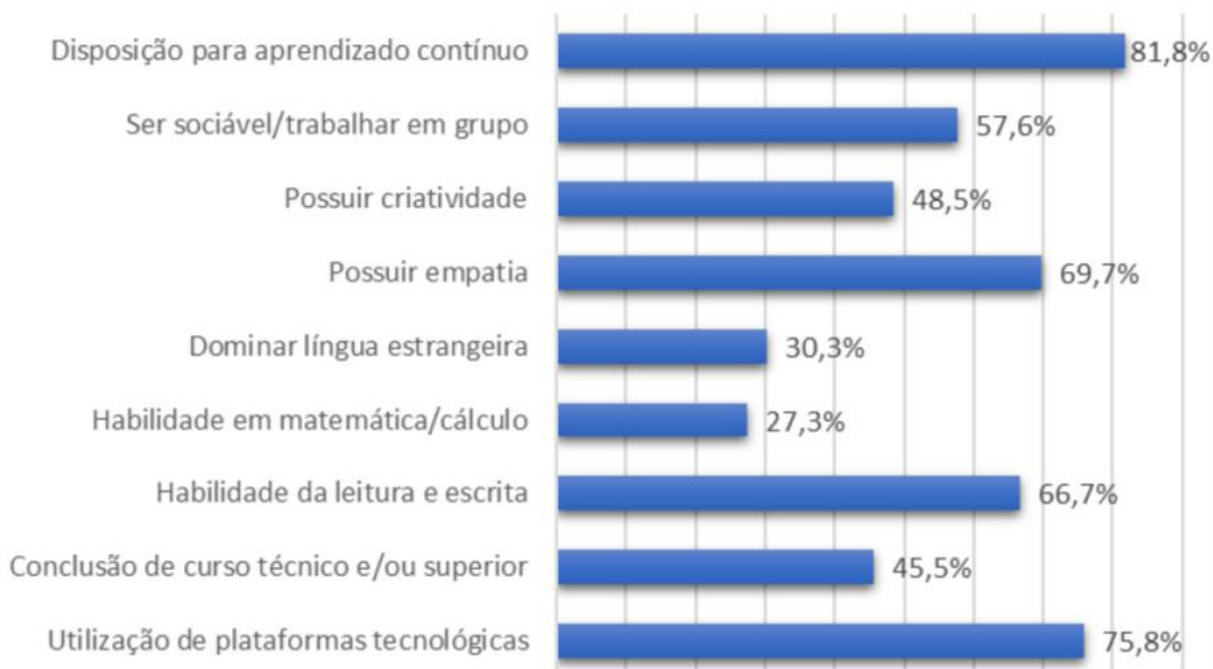
Coordenadores/as avaliam também a existência de espaço de discussão de políticas públicas para jovens nas esferas governamentais: representante do Cone Sul informa que na Argentina há esses espaços nos governos federal, municipal e provincial. Coordenadora brasileira avalia que é *“um espaço de discussão maior por parte dos ideais de direita... a gente bate na dificuldade de não ter uma representação forte do nosso campo que possa levar de fato e ampliar dentro desses espaços de tomada de decisão as pautas que poderiam vir a garantir os direitos da juventude trabalhadora.”* A representante brasileira segue a mesma linha da conterrânea e avalia que não há espaço de informação ou discussão com atual governo brasileiro *“não, nesse governo não tem, que eu saiba o meu sindicato não participa e não tem conhecimento.”*

Na Colômbia, de acordo com o coordenador da sub-região Andina, há o Conselho Presidencial para a Juventude que faz parte da estrutura do Estado e se encarrega de discutir temas transversais como emprego, saúde e educação. A atuação deste conselho, contudo, é limitada porque, de acordo com o entrevistado, *“lamentavelmente temos hoje um governo do qual faz parte um preso político de direita, neoliberal, capitalista imperialista, que tem todos os órgãos estatais e de controle.”*

Coordenador da América Central informa que na Guatemala existe a Comissão Nacional de Juventudes (Comisión Nacional de Juventudes – CONJUVE), ameaçada de encerramento pelo atual presidente, há também a lei 5477 no Congresso da República que é a Lei Nacional das Juventudes que implementa certos tipos de políticas públicas, não está relacionada com trabalho, esta lei está em tramitação há mais ou menos 5 anos, segundo o entrevistado *“neste momento não há incidência de verdade na questão de política pública, de trabalho e informação ou de fazer estudo para melhorar as condições de vida das juventudes que aqui em Guatemala são quase 60, 70%.”*

Habilidades obtidas mediante aprendizado técnico combinadas com capacidades de convivência social e empatia são, de acordo os/as entrevistados/as da pesquisa quantitativa importantes para jovens trabalhadores/as, as mais citadas são: utilização de plataformas tecnológicas, habilidade de leitura e escrita, possuir empatia, disposição para o aprendizado contínuo.

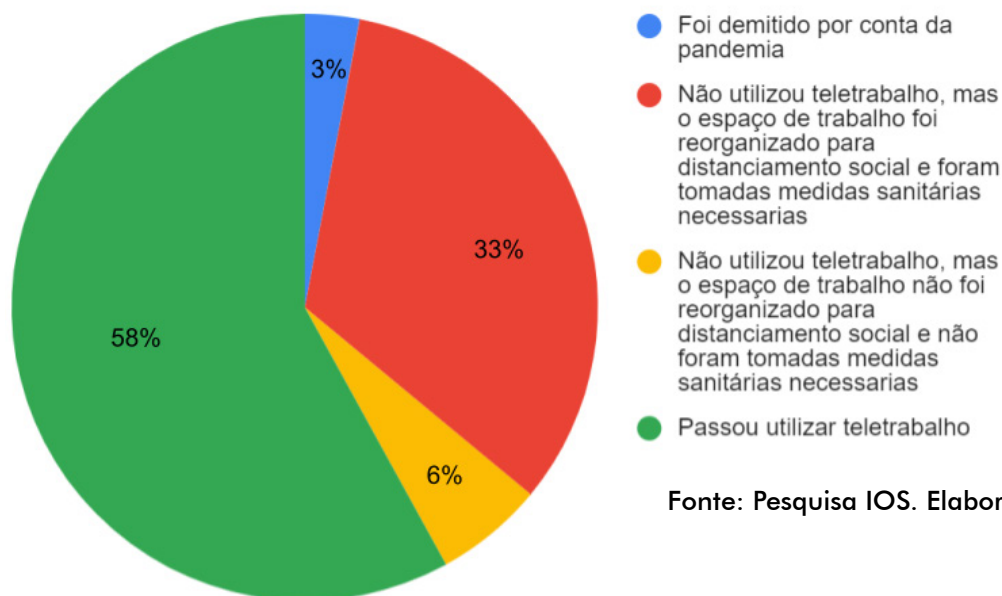
**Gráfico 21 – Habilidades necessárias para os/as Jovens Trabalhadores/as**



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Vemos no gráfico a seguir que jovens trabalhadores/as dos serviços públicos que responderam ao questionário quantitativo tiveram condições melhores que a maioria dos/as trabalhadores/as em relação às medidas para evitar o contágio de coronavírus: mais da metade passou a utilizar teletrabalho cerca de um terço não utilizou teletrabalho, mas o espaço de trabalho foi adaptado de acordo com as medidas sanitárias vigentes.

### Gráfico 22 – Mudanças ocasionadas pela pandemia de COVID-19 no Trabalho



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração própria

Sobre a questão da COVID-19, relatos de coordenadores/as regionais reforçam a informação da pesquisa quantitativa de que trabalhadores/as jovens dos serviços públicos possuem condições melhores que demais trabalhadores/as como lembra coordenadora do Cone Sul *“os jovens do setor público foram menos afetados que os jovens em nível de país, em geral foram afetados pelo fato...pelo tema da virtualidade da classe”*, há contudo, como ressalta esta coordenadora, as questões domésticas quando se utiliza teletrabalho, trabalhando com filhas e filhos em casa pelo fato de as escolas estarem fechadas e isso afetou principalmente as mulheres *“tenho muitas companheiras com menos de 35 anos, com filhos bem pequenos, muito difícil fazer algo, não pôde contar com serviços de entregas, não pôde contar com alguém próximo, foi bastante desafiante o trabalho em casa, não estavam preparadas, tem gente que vive só, tem gente que vive com dois ou três filhos.”*

Coordenador da sub-região Andina considera que os poucos jovens que fazem parte de entidade estatais foram favorecidos por terem essa oportunidade laboral, contudo, para o restante da juventude trabalhadora o acesso ao emprego ficou mais difícil *“primeiro, se impossibilitou o ingresso dos mais jovens ao setor público durante a pandemia pelas condições próprias da pandemia, não estavam contratando mais gente; e segundo, quem já estava dentro das entidades públicas, trabalhando com vínculos que garantiam estabilidade laboral e se cercavam de trabalho, se viram afetados por outras situações ...não se garantiu capacitação para os instrumentos digitais...as condições de segurança...o pessoal da saúde não contava com elementos de proteção pessoal para suas atenções.”*

Entrevistada brasileira fala dos impactos psicológicos, da perda de colegas e amigos/as para a COVID-19, na questão do trabalho considera *“o impacto para o jovem do serviço público foi na esfera da saúde do trabalhador, porque financeiramente*

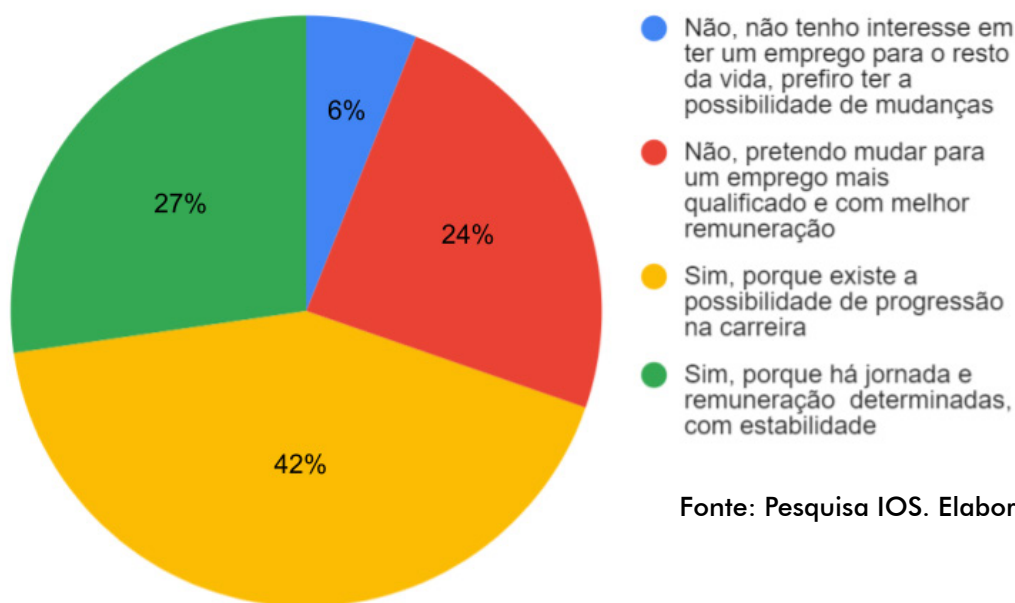
*eu não posso dizer que eu fui afetada, e fui afetada pela política de governo, pela economia, pelas coisas que estão cada vez mais caras, mas eu não tive um abatimento no meu salário, por exemplo.”*

Coordenador da América Central analisa que a pandemia trouxe queda no emprego formal e uma tendência de alta no número de pessoas que pretendem empreender um negócio, situação que o entrevistado considera complicada *“pois o neoliberalismo obriga a isto, justamente empreender porque sabemos que neste mar vermelho um empreendimento, uma pessoa jovem não tem capacidade de brigar no mercado com uma empresa muito sólida.”*

A entrevistada jamaicana fala dos impactos que a pandemia trouxe sobre o emprego e vida social de seu país: *“em termos de jovens trabalhadores muitos perderam o trabalho porque alguns trabalhos como hotéis fecham. Com a COVID 19 vemos impacto econômico, vemos impacto mental nos trabalhadores, e aumentamos o problema com a violência doméstica. No setor público o governo tem tentado reduzir, eles reduzem o contato com a pessoa, mas na indústria eles reduzem o salário porque têm de tentar amenizar, porque não têm dinheiro. O governo tenta estimular economicamente, mas não foi possível chegar a todos.”*

É provável que o trabalho no serviço público dê aos/às jovens trabalhadores/as mais segurança e perspectiva de crescimento no emprego uma vez que quase 70% dos entrevistados/as responderam que pretendem manter-se no emprego que se encontram.

### Gráfico 23 – Pretensão de manter-se no Emprego nos próximos anos



Fonte: Pesquisa IOS. Elaboração

Sobre as perspectivas para o futuro e quais são os desafios a serem enfrentados pelas juventudes, coordenadores/as fazem suas ponderações: para coordenadora brasileira o maior desafio para os/as jovens é mudar a gestão federal *“enquanto a gente tiver, na gestão...com um chefe de Estado, não só o chefe de Estado, mas um Congresso, um Senado majoritariamente “direitoso”, de extrema-direita, a gente vai estar fadado ao fracasso”*, para esta entrevistada, o principal desafio para o próximo período é eleger uma representação de esquerda, de centro-esquerda ou pessoas que dialoguem com as questões de projeto político-ideológico sociedade justa, igualitária e plural; continuando com o contexto brasileiro, colega brasileira não vê perspectivas para jovens *“eu vejo falta de perspectiva, os jovens têm mais dificuldade de ingressar na universidade, de ingressar no mercado de trabalho, se ingressa no mercado de trabalho, o trabalho, se*

*ingressa no mercado de trabalho, o trabalho é extremamente precarizado, os jovens acabam se submetendo a empregos com salário baixo, precarizado, tem formação, mas não tem emprego compatível com a formação que tem, às vezes não tem a formação e quer fazer uma faculdade.”*

Para coordenador da América Central trata-se de *“inicialmente criar condições para negociação coletiva, criar condições ideais para a remuneração das pessoas por seu trabalho, condições laborais dignas, que não sejam precárias, condições laborais que sejam um incentivo para os trabalhadores, para que também a instituição não sofra perdas”*.

Coordenador da sub-região Andina elenca os grandes desafios das juventudes, *“em primeiro lugar, é desempenhar um papel relevante no cenário político, e eu não estou falando da juventude do setor público que, claramente não pode militar ou fazer campanha política, mas a juventude em geral, creio que foi mostrado o poder da juventude na Colômbia que chegou ao ponto de derrubar uma reforma tributária, de derrubar ministros de Estado. Segundo, é nos organizarmos enquanto juventudes, que a juventude prontamente passe a ganhar espaços”*. Coordenador vê, contudo, que há uma diversidade de movimentos e, neste sentido, dificuldades de unificação.

Coordenadora do Cone Sul avalia que o grande desafio dos/as jovens argentinos/as está vinculado à ocupação e à pobreza do país, em que os jovens e as jovens são prejudicados, as taxas de desemprego são duas vezes maior que a dos adultos, há muitos problemas com aqueles/as que não podem continuar os estudos, com problema de conexão na internet, ou não possui um computador para trabalhar, *“quando terminamos os estudos secundários, conseguir um trabalho...é um conhecimento que podemos oferecer quando saímos da escola, isto também traz uma grande dificuldade para fazer um trabalho de qualidade e o que há é um trabalho informal.”*

O Representante do Caribe pensa nas dificuldades que a pandemia trouxe *“agora com a covid-19 aumentou o preço dos alimentos, o aumento do gás e tudo o que é necessário para sobreviver. Então, com estes aumentos precisamos do dinheiro porque quando temos um aumento na alimentação e no serviço, e tudo está mais caro, e o salário não pode... o mesmo salário não pode nos sustentar porque tudo aumentou, sabe?! Portanto, penso que houve um problema com a economia, seguido da covid 19.”*

Coordenadora da sub-região Brasil e do Comitê de Jovens da América Latina e Caribe ressalta que o grande desafio é realizar a conscientização política dos/das jovens que muitas vezes não possui conhecimento das lutas por direitos:

Eu falo isso da minha geração, dessas pessoas, do pessoal mais novo que, querendo ou não, [não] tem uma consciência política do que é a importância que é estar nos movimentos, não foi uma geração que precisou lutar para ter os direitos, a gente já entrou no mercado de trabalho com vários direitos garantidos, então acham algumas pessoas que, infelizmente, alguém de benesse deu alguma coisa porque, *“nossa eu acordei hoje e resolvi criar a carteira de trabalho”*, não, tudo foi fruto de muita luta. Então, o nosso maior desafio é conseguir fazer essa conversa, fazer essa conscientização política hoje.



## Considerações Finais

Este trabalho mostra que a pesquisa pode ser um instrumento não só de conhecimento, mas uma ferramenta de mobilização e aproximação da juventude trabalhadora. O empenho da ISP para mobilizar jovens para a realização das entrevistas evidenciou, sobretudo, um desafio uma vez que, como foi comentado por coordenadores/as, os quadros profissionais jovens são minoritários nos serviços públicos. Ademais, a pandemia de COVID-19 trouxe dificuldades que tornaram a mobilização mais desafiadora.

Como abordado no relatório, o conceito de juventude/juventudes é uma construção social e esta construção é válida para a ISP que estabelece a faixa etária de 18 a 35 anos de idade para seus/suas jovens. Esta construção é necessária porque a juventude trabalhadora necessita ser compreendida e reconhecida, ter suas reivindicações escutadas e atendidas, além de garantir espaços coletivos para elaboração e organização.

Embora a pesquisa tenha abrangido apenas lideranças jovens de trabalhadores/as dos serviços públicos da América Latina e Caribe, ela proporciona algumas informações indicativas:

- Nos temas transversais como gênero, cor/raça/etnia e LGBTQIA+, de acordo com relatos das entrevistas qualitativas, percebemos que, mesmo com dificuldades, a participação e representatividade das mulheres nos sindicatos é muito mais avançada do que a da raça. Entrevistas quantitativas mostram que o tema de raça é delicado para ser tratado, uma vez que o contexto da América Latina e Caribe é diversificado e cada país tem um critério para tratar o tema. Neste sentido, a questão foi tratada de forma diferenciada pelos/as entrevistados/as, alguns/mas responderam não pertencer a nenhuma cor/raça/etnia ou outra/as preferiram não responder;

- É interessante notar que sobre as preferências artísticas e culturais, as mais citadas pelos/as entrevistados/as foram música popular e cinema, expressões artísticas e culturais não necessariamente produzidas ou apreciadas majoritariamente por jovens como arte de rua, dança de rua e o rap. Entrevistas qualitativas, contudo, citam a importância da arte produzida por jovens como uma forma de contestação, como foi o caso nos protestos da Colômbia, as produções na Universidade de São Carlos de Guatemala e o slam (batalha de poesias), uma modalidade de arte de rua, como cita entrevistada brasileira;

- De acordo com as entrevistas quantitativas, os/as jovens tentam obter espaços em suas organizações sindicais, primeiramente, reivindicando a criação de uma secretaria das juventudes (30% dos/as entrevistados/as), em segundo lugar, a mudança dos estatutos é outra reivindicação bem citada (18% dos/as entrevistados/as). As entrevistas qualitativas mostram que algumas organizações sindicais tomaram medidas neste sentido ou estão em processo de discussão. E, de fato, conforme pesquisa amostral, este é um processo que ainda necessita avançar uma vez que 24% dos/as entrevistados/as responderam que esta questão ainda está em discussão em minha entidade.

Mas, é provável que avançar neste processo não seja tão simples assim, embora haja empenho da ISP e sindicatos de construir mecanismos e apoiar a participação de jovens, campanhas de sensibilização e disponibilizar espaços do sindicato foram as ações mais citadas na pesquisa quantitativa. Representantes das sub-regiões avaliam as dificuldades dos/das jovens nos serviços públicos, há pouca renovação nos quadros profissionais que necessita de concursos públicos e/ou aposentadoria para certos

quadros serem substituídos, esta situação reflete na representação de jovens nos sindicatos.

Para os/as jovens que responderam à entrevista quantitativa é importante pressionar governos para a criação de políticas públicas que atendam os anseios da juventude trabalhadora, bem como a participação em espaços deliberativos ou conselhos nas estruturas governamentais. Nas entrevistas qualitativas, de acordo com representantes das sub-regiões, percebe-se que há empenho dos sindicatos de base em criar condições de trabalho decente para jovens trabalhadores/as dos serviços públicos, mas a participação nos espaços deliberativos ou de negociação nos governos, de forma geral, tem sido dificultada ou rechaçada por governos conservadores.

Outra questão que chama atenção nas entrevistas quantitativas foi como os/as jovens se informam sobre as questões sociais, políticas e econômicas de seu país: 58% responderam que utilizam as redes sociais como meio prioritário para obter informação. Esta situação é um reflexo do contexto que vivemos: de acordo com estudo realizado em 2020, 1/3 da população latino-americana obtém informações pelas redes ou mídias sociais, 38% dos/as jovens utilizam as redes sociais como única fonte de informação.<sup>5</sup> É uma realidade que requer um esforço dos sindicatos, não só para combater notícias falsas, mas também para produzir conteúdo específico para a base sindical e adequado para determinados tipos de mídia como lembra coordenadora da sub-região Brasil *“a gente precisa ampliar e entender como a gente vai se comunicar via Instagram, via Facebook, porque de textão a gente já tem os jornais impressos e coisa, a rede social tem que ser mais dinâmica, então aprender a trabalhar a forma, que a gente avançou nisso, mas ainda não conseguiu.”*

A pesquisa quantitativa mostra que os/as jovens/as servidores/as entrevistados/as preferem manter-se em seus empregos nos próximos anos. O fato de terem uma situação contratual mais estável (70% dos/as entrevistados/as possuem contrato por tempo indeterminado, a mesma cifra daqueles/as que pretendem manter-se no mesmo emprego) pode ser uma explicação.

Apesar da relativa estabilidade, coordenadores/as e representantes da sub-regiões falam dos desafios para o futuro: a necessidade de mudar governos locais, de direita ou extrema-direita que atacam os direitos dos/as trabalhadores/as, lutar por trabalho decente e combater precarização que também afeta muitos/as jovens dos serviços que trabalham sob contratos temporários, sem estabilidade.

A pandemia de COVID-19 mostrou uma realidade precarizante de forma contundente. Também revelou que o capital provoca mudanças no mundo do trabalho de forma rápida, sem que as entidades sindicais estejam preparadas para enfrentar estas mudanças e até mesmo reagir frente a elas. Portanto, para além desse desafio, fica implícito que a organização da classe trabalhadora precisa ser dinâmica, pensar estratégias e ações de enfrentamento e fortalecimento.

<sup>5</sup> <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2020/02/para-1-entre-3-internautas-na-america-latina-redes-sociais-sao-unica-fonte-de-comunicacao.html>. 13/02/2020

# Referências Bibliográficas

ALONSO, L. Autodeclaração de negros nos EUA e no Brasil expõe debate sobre identidade racial. Folha de São Paulo, 19/11/2021. Disponível em: [Autodeclaração de negros nos EUA e no Brasil expõe debate sobre identidade racial - 19/11/2021 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](#)  
Acesso em: 20/12/2021.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983. ATONAL

GUIMARÃES, G. G. e GRINSPUN, M. P. S. Z.. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. GT-20: Psicologia da Educação  
<https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt20-4136-int.pdf>.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). Global Employment Trends for Youth 2017: Paths to a better working future. ILO, Geneva, 2017

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S e FREIRE FILHO, J. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo, Educ, 2008.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, Lisboa, 1990

## INSTITUTO OBSERVATÓRIO SOCIAL

Rua Caetano Pinto, 575, 5º andar - Brás-São Paulo-SP - CEP.: 03041-000



+55 11 2108-9200



[observatoriosocial.org.br](http://observatoriosocial.org.br)



[InstitutoObservatorioSocial](https://www.facebook.com/InstitutoObservatorioSocial)